NESTE NÚMERO



A CENA muda

N.º 2 ★ 10-1-52
CR$ 3,00
EM TODO O BRASIL

CINEMA ★ RÁDIO ★ MÚSICA ★ REPORTAGENS ★ VARIEDADES

O cinema espera Jardel Filho
(REPORTAGEM)

Acabou o carnaval de 52
(REPORTAGEM)

CASEI-ME COM MINHA MULHER
(ENRÊDO)

Almaforte
(ENRÊDO)

Os dois lados da vida
(ENRÊDO)

O cômico no cinema brasileiro
(REPORTAGEM)

Carnaval

E MUITAS SEÇÕES

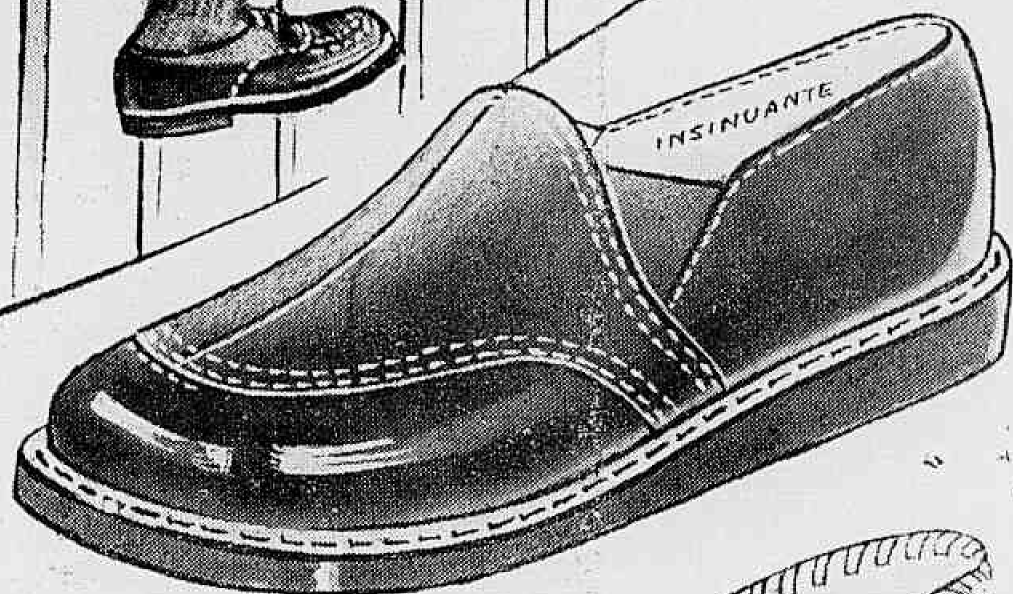


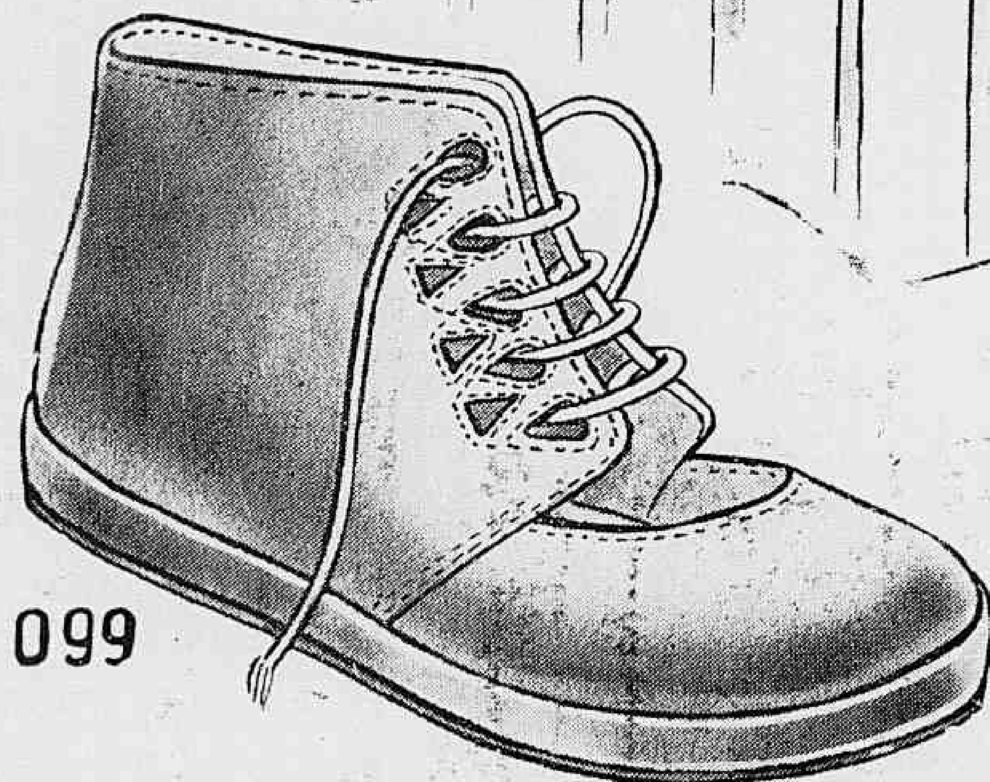
Sapatos que seus filhos adoram!

Insinuante
UMA GALERIA Á
SUA DISPOSIÇÃO
COM AGUA GELA-
DINHA AS SUAS
ORDENS.



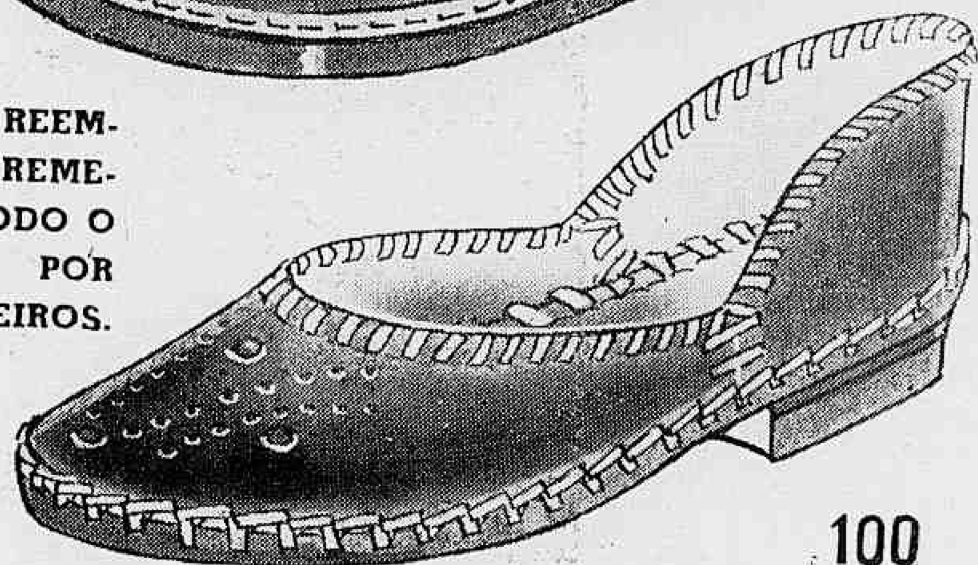
098





099

NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO POSTAL. REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS.



100

098 — Cr$ 98,00. «Maracanã». Uma maravilha para meninos. Núm.: de 22/27.

099 — Cr$ 75,00. Uma botinha que é um encanto. Núm.: de 18/24.

100 — Cr$ 100,00. «Caiçaras». Um encanto de sapato para meninas. Núm.: de 22/27.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46·48 – SETE de SETEMBRO, 199·201

BEM OU MAL NO CINEMA NACIONAL...

DUAS COISAS PODEM ACONTECER

QUANDO se escreve uma crônica, duas coisas podem acontecer: ou se fala do cinema brasileiro ou não se fala. Quando não se fala, vai tudo muito bem, mas quando se fala, duas coisas podem acontecer: ou se fala bem ou se fala mal. Quando se fala bem, comete-se um êrro, mas quando se fala mal, duas coisas podem acontecer: ou ninguém lê ou só os interessados lêem. Quando ninguém lê, a crônica passa despercebida, mas quando os interessados lêem, duas coisas podem acontecer: ou corrigem seus erros ou se tornam nossos inimigos. Quando corrigem seus erros, é o mesmo que um milagre, mas quando se tornam nossos inimigos, duas coisas podem acontecer: ou não falam mais com a gente ou fazem outro filme pior. Quando não falam mais com a gente, vai tudo muito bem, mas quando fazem outro filme pior, duas coisas podem acontecer: ou não vamos ao cinema ou vamos. Quando não vamos, tanto melhor, mas quando vamos, duas coisas podem acontecer: ou dormimos ou não dormimos. Quando dormimos, está tudo okay, mas quando não dormimos, duas coisas podem acontecer: ou ficamos namorando ou prestamos atenção ao filme. Quando namoramos, está como queremos, mas quando prestamos atenção ao filme é um drama ou achamos que é uma comédia. Quando achamos que é um drama, vai tudo muito bem, porque rimos, mas quando achamos que é uma comédia, duas coisas podem acontecer: ou choramos ou nos irritamos. Quando choramos, vai tudo muito bem, mas quando nos irritamos, duas coisas podem acontecer: ou saímos do cinema ou não saímos. Quando saímos, damos graças a Deus, mas quando não saímos, duas coisas podem acontecer: ou nos acostumamos com o filme ou nos torturamos mais. Quando nos acostumamos, nada mais sentimos, mas quando nos torturamos, duas coisas podem acontecer: ou ficamos dando piadinhas ou rasgamos as poltronas. Quando ficamos dando piadinhas, é até um divertimento, mas quando rasgamos as poltronas, duas coisas podem acontecer: ou a polícia nos ajuda ou pede que não façamos mais isso. Quando a polícia nos ajuda, vai tudo às mil maravilhas, mas quando pede que não façamos mais isso, duas coisas podem acontecer: ou juramos nunca mais rasgar as poltronas ou juramos nunca mais ver uma fita nacional. Quando juramos nunca mais rasgar as poltronas, é um favor que fazemos a nós mesmos, mas quando juramos nunca mais ver uma fita nacional, duas coisas podem acontecer: ou o cinema brasileiro melhora ou não melhora. Quando o cinema brasileiro melhora, são os nossos votos, mas quando não melhora, duas coisas podem acontecer: ou a gente pensa que não melhorará nunca ou pensa que já melhorou. Quando a gente pensa que não melhorará nunca, dizem que somos pessimistas, mas quando a gente pensa que já melhorou, duas coisas podem acontecer: ou achamos que está pior e vaiamos, ou passamos por bobos e aplaudimos. Quando achamos que está muito pior e vaiamos, há sempre o esfôrço dos produtores em acertar, mas quando passamos por bobos e aplaudimos, duas coisas podem acontecer: ou os produtores fazem uma fita pior ainda ou começam a relançar seus filmes velhos. Quando fazem uma fita pior ainda, admiramo-los pela capacidade de regressão, mas quando relançam seus filmes velhos, duas coisas podem acontecer: ou o público desiste de uma vez ou continua indo ao cinema. Quando o público desiste de uma vez, termina o nosso suplício, mas quando o público vai ao cinema, duas coisas podem acontecer: — ou as coisas continuam como estão ou o govêrno resolve apoiar a indústria. Quando as coisas continuam como estão, ficamos de sobreaviso, mas quando o govêrno resolve apoiar a indústria, duas coisas podem acontecer: ou os produtores ficam ricos ou ficam mais ricos. Quando ficam ricos, não é nenhum milagre, mas quando ficam mais ricos, duas coisas podem acontecer: ou se aposentam ou continuam fazendo mais abacaxis. Quando se aposentam, vai tudo muito bem, mas quando resolvem fazer mais abacaxis, duas coisas podem acontecer: ou paramos de falar no cinema brasileiro ou continuamos falando. Quando paramos de falar, está ótimo para êles, mas quando falamos, duas coisas podem acontecer: ou enchemos a página ou enchemos os leitores. Quando enchemos a página e quando enchemos os leitores, duas coisas podem acontecer: ou continuamos escrevendo ou paramos de escrever. Quando continuamos escrevendo, azar o do leitor, mas quando paramos, duas coisas podem acontecer: ou assinamos ou não assinamos. Quando não assinamos, "tout va trés bien", mas quando assinamos, só uma coisa pode acontecer: o leitor fica prevenido para outra vez.

leon eliachar

A propósito do prefácio escrito por Luís Alípio de Barros para o livro "O Ator no Cinema", de Pudowkin, José Lewgoy declarou: "Se as coisas continuam assim, qualquer dia teremos um prefácio de Lulu de Barros para o "Tratado da Realização Cinematográfica", de Leon Kulechow...

★

Anselmo Duarte foi convidado para aparecer "em pessoa", no auditório de uma emissora de Belo Horizonte, pela importância de 30 mil cruzeiros. Fêz uma conferência baseada num original humorístico de Leon Eliachar. Na volta, comentou: "Ninguém riu..."

★

José Lewgoy esclarece e nos apressamos em corrigir as más informações que tivemos: "Eliana não se recusou a fazer o papel que lhe ofereceram no filme carnavalesco da Atlântida. Apenas achou que o seu papel, apesar de ser o principal, era bem menor que o de Fada Santoro, o que seria prejudicial para o seu nome. Absolutamente, Eliana não é mascarada; é uma ótima companheira e gostaria que se tirasse essa má impressão causada pelo último veneno publicado a seu respeito".

Aí está.

★

"Noel Rosa nunca foi um bom compositor; foi, isso sim, um bom letrista" — disse Humberto Teixeira.



Esta é uma seção de "venenos". O cronista não se responsabiliza pelas notícias recebidas. As pessoas atingidas podem nos esclarecer a respeito. As contestações serão publicadas, a bem da verdade. E, por favor, não troquem de mal comigo...

FRANKIE

Jardel Filho trocou de mal com Solânge. Meninos e meninas, há duas vagas a preencher. Candidatem-se.

★

Vejam só os nomes que Cavalcanti escolheu para representar o Brasil no Festival de Punta Del Este: Diretores: Paulo Wanderley e N. Peixoto; Artistas: Alberto Rushel, Ilka Soares, Marina Cunha e Carlos Cotrim. Jornalistas: Vinicius de Morais, Moniz Viana, Jacinto de Thormes e Gilberto Trompowsky. Filmes inscritos: "Somba da Outra", "Areias Ardentes" e "Tico-Tico no Fubá".

Quem foi que disse que Cavalcanti é a pessoa indicada para semelhante escolha? Onde estão os artistas que representaram os filmes inscritos? Onde estão os diretores mais credenciados, como Watson Macedo, José Carlos Burle, Fernando de Barros, Tom Payne, Alberto Pieralisi e outros? E onde estão os jornalistas representantes de revistas especializadas, capazes, realmente, de dar a divulgação a tal empreendimento? Indiscutívelmente, a escolha está, parcialmente, errada. Cavalcanti demonstrou que não está apto para tomar a si a responsabilidade da seleção de valores. E que me perdoem os seus amigos escolhidos. Amigos, amigos... festivais à parte!

★

A propósito, ouvimos dizer que o sr. Severiano Ribeiro havia escolhido "Aí Vem o Barão", para inscrevê-lo no Festival. Descuido, certamente.

A FOTO SENSACIONAL — Conforme prometemos, aqui está o flagrante que foi colhido pelo nosso fotógrafe, em São Paulo, quando o ator Cyl Farney alimentava o seu romance com a cantora Francis Irvin, da orquestra de Tommy Dorsey, na boite «Lord». Dizem que Cyl fêz essa viagem a São Paulo especialmente para ver a lady-crooner.





FRANCISCO CARLOS
«Ana Maria» está vencedora.

ACABOU O CARNAVAL DE 52

SIM, A FESTA DE MOMO ACABOU PELO MENOS PARA OS COMPOSITORES QUE JÁ LANÇARAM SUAS MÚSICAS PARÁ O CARNAVAL QUE SE APROXIMA ★ SAMBAS E MARCHAS EM QUANTIDADE PARA O CARIOCA CANTAR ★ AS MÚSICAS SOCIAIS, BREJEIRAS E AMOROSAS ★ MARLENE, LINDA BATISTA, JORGE GOULART, FRANCISCO CARLOS, CARLOS GALHARDO E BLACK-OUT O TIME MAIS CREDENCIADO PARA A CONSAGRAÇÃO DE SUAS GRAVAÇÕES ★ PORTA DO NICE VOLTA A TER AQUÊLE MOVIMENTO DE TODOS OS ANOS ★ ÀS COMPOSIÇÕES DÊSTE ANO EVIDENCIAM A FALTA DE IMAGINAÇÃO DE SEUS AUTORES ★ AS POSSÍVES VENCEDORAS ——

Reportagem de A.C.

Nosso povo tem seu dia. Não é o 13 de maio nem o 14 de julho. E' o Carnaval. Bombos, pandeiros, chocalhos, cuicas, violões, flautas, clarins. Montões de serpentinas e confetis rolando pelas ruas. Tem-se a impressão de que o dinheiro rola pelo chão. Bandas de música em coretos ornados de folhagem.

O povo respira livre. Negras que são as mulheres mais cheirosas do mundo, morenas que desprezam as gentes, brancas que valem fortunas, misturam o olor de três carnes ardendo no mesmo fogo. Grupos álvares rasgando no reco-reco a marcha canalha; blocos de negros suando pintados, batendo batendo pandeiros, chocalhos. Aqui o povo faz roda às baianas de mãos nas cadeiras, rodando da cintura para baixo até ao chão. Atenção. Só se escuta o barulho dos chocalhos. A baiana se estorce tôda. Todo o mundo quer ver. Empurrões, discussões, sôcos, bofetadas.

Cai fora, pessoal. Vem a polícia. — Que é que há? — Não há nada...

Passa um cordão no meio do povo. O tampo rotundo do bombo retumba, cuicas catucando um batecum de macumba. Giros lentos de estandartes, bamboleios de lanternas de côr. A grande coloração do riso do fogo. As pastorinhas evoluem como andorinhas. Homens de tôdas as côres entoam cantos de côro. Fantasias que são fantasmas de outros tempos, aparições das Mil e Uma Noites. Aladino baliza, Simbad capoeira, Sheerazad mulata, odaliscas negras. E em meio dessa apoteose as músicas brasileiras, dominando espíritos, quebrando convencionalismos, escravizando homens, mulheres e crianças. Sambas, marchas e frevos que foram especialmente feitos para o carnaval que de ano para ano perdem-se no espaço para dar lugar a novas músicas. Quem ainda se lembrará de "O teu cabelo não nega", "E' bom parar", "Aurora", "Nós, os carecas", "Cai, Cai", "O Passarinho do Relógio", "Pé de Anjo", e tantas outras músicas singelas e bonitas?



EMILINHA BORBA
Nada fêz. «Nem com vela acesa».

FALTA DE IMAGINAÇÃO

Depois de ouvir repetidamente quase tôdas as composições dêste ano ficamos com a impressão de que a inspiração e originalidade nada brindaram aos nossos fazedores de canções carnavalescas. Na sua maioria, as músicas são por demais corriqueiras, suas letras desprovidas de qualquer interêsse embora seja feita justiça, e daí sua maior valorização, o esplêndido samba "Lata dágua" da autoria de Luís Antônio e Jota Júnior, cuja letra é um retrato fiel das ansiedades da gente humilde que vive no morro. Nada mais constatado do que a ambição das morenas dos morros cariocas em poderem algum dia descer o mesmo para morar no baixo. E a quadrinha final é de uma rara felicidade e poesia única.

"Maria lava a roupa lá no alto
Lutando pelo pão de cada dia,
Sonhando com a vida no asfalto,
Que acaba onde o morro principia".

Por outro lado o samba "Sem teu amor', de Heber Lobato e Anadyon Glauco é de uma pobreza textual e musical apavorante. Observem a mediocridade dos versos, primários por exagêro:

"Sem teu amor
Não vou viver
Eu vou chorar
Eu vou sofrer.

(Bis)

Tenho feito tudo
Para não enlouquecer
Volte por favor
Sem teu amor eu vou morrer".

"Graças a Deus", samba de Sebastião Moreira, Mário Filho e O. Silva (tanta gente para produzir coisa tão ruim) é outra amostra da pobreza de espírito que ataca os nossos compositores:

Parece-nos que esta amostra dá cabal idéia do que seja êsse samba de originalidade e inspiração absolutamente nenhuma:

"Quando você surgiu na minha vida
Eu juro minha querida
Minha vida se transformou
Eu que não tinha alegria
Graças a Deus hoje em dia
Agora feliz eu sou".

Neste rol está o samba "Sorri", de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira que neste ano não estão repetindo os mesmos "hits" dos anos passados. Cada vez mais abundam sambas e mais sambas de letras subalternas, de problemas absurdos, de conflitos setimentais vergonhosos. — Deveria ser um caminho idiomático bem intencionado, uma palavra recolhida no idioma popular, cheio de graça, apesar de carecer de forma acadêmica, e temos para flagrante exemplo esta bonita e satírica marcha de Armando Cavalcanti e Klecius, "Maria Candelaria":

"Maria Candelaria
E' alta funcionária
Saltou de pára-quedas
Caiu na Letra ó, ó, ó, ó, ó.
Começa meio dia
Coitada da Maria
Trabalha, trabalha,
Trabalha de fazer dó
O' O' O' O'.



CARMÉLIA ALVES
Cantou o baião no filme «Tudo Azul».

Solo:

A uma vai ao destista
As duas vai ao café
As três vai à modista
As quatro assina o ponto
E dá no pé
Que grande vigarista que ela é".

As letras mais pobres em matéria de inspiração, constituem-se outra vez no invariàvel motivo das músicas carnavalescas. As responsabilidades, neste caso, cabem integràlmente aos autores, que, salvo raríssimas e honrosas exceções, produzem com vistas ao gôsto dos setores mais vastos sem a menor inquietude ética ou estética. Quanto mais baixo seja o problema exposto mais se confia em sua repercussão: Exemplo. A marcha de Luís Antônio, Zé Mário e O. Magalhães, "Sassaricando".

"Sásassaricando
Todo o mundo leva a vida no arame
Sá-sassaricando
A viúva... O brotinho... e a madame
O velho, na porta da Colombo
E' um assombro
Sàssaricando..."

Estamos pois no mesmo ponto no qual estavamos anos passados quando um poderoso impulso renovador deu ao samba suas melhores e mais limpas expressões. Autores cultos, consciensiosos, inspirados, escreveram por fim a letra que o samba merecia. Depois, sobreviveram as restrições do momento. E agora floresce o medíocre sem que se marque a reação esperada por aquêles que acreditam que tal tom e temática não é insubstituível. O samba do carnaval precisa outra de todos os seus bons valôres. Autores e compositores de autêntica hierarquia devem sair outra vez por sua defeza, dando as orquestras e aos cantores o material de que agora não dispõem e ao qual substitui outro que acreditavamos definitivamente superado.

AS MÚSICAS SOCIAIS E BREJEIRAS

O compositor carioca, é raro o ano em que não produz algumas criações de índole social, de exaltação patriótica, e outras pelo estílo. Ainda neste ano volta o velho tema da libertação dos negros. Intitula-se "Nos braços de Isabel", da autoria de Silvo Caldas e José Jerdico. Seu segundo verso é mais expressivo:

"Ontem Isabel me libertou
Da escravidão e da dor
Hoje Isabel é minha libertação
No amor.
Sabe a princesa Isabel
Que quebrou minhas algemas
Salve a princesa Isabel
Que resolve o meu problema".

"3 de Julho", samba de Benedito Lacerda e Herivelto Martins, põe em destaque a lei assinada pelo Presidente Vargas acabando com o preconceito de côr. Seu primeiro verso faz o elogio do sr. Vargas:

E' lei.
O presidente assinou
E' lei
O preconceito acabou
Depois do 13 de maio
O 8 de julho chegou
Para completar a abolição
Deus que proteja o Chefe da Nação
Que livrou uma raça
De tamanha humilhação.

Das músicas brejeiras ou satíricas destacam-se "apanhador de Papel", marcha de Peterpan e Afonso Teixeira: Seu verso inicial é o mais feliz:



MARLENE
O melhor samba é «Lata Dágua».



ARACI DE ALMEIDA
Gravou bem «Chegou Vila Isabel»

"Ai
Que vida triste e tão cruel,
Tem...
O homem que apanha papel,
A sua profissão é um buraco;
Só pode ir para casa
Depois de encher o saco. **(Bis)**.

No carnaval de 49 fêz grande sucesso a marcha "O sôro dos velhinhos" que tão bem gravou Linda Batista. Estimulando os bastantes maduros os compositores dão ocasião a que êles também justifiquem sua presença nas folias de Momo. E convenhamos que muito velho feio e careca no carnaval anda agarrado a belas garôtas, desafiando os fortes jovens de fartas cabeleiras byronianas. Arnaldo Passos e Garcez são os autores êste ano da injeção para os coroas intitulada "A Marchinha dos Velhinhos". Seu verso inicial é mais feliz do que o segundo:

"Estou ficando velho
Estou ficando feio
O meu coração
Já partiu-se ao meio,
Mas entre as mulheres,
Tenho cotação
Apesar de velho
Eu ainda ando cheio de paixão".

Finalmente temos outras marchas e sambas para o Carnaval de 52. Até depois de meia noite a velha Porta de Nice volta a ter aquela animação de outdos tempos. Compositores, cantores e elementos do rádio, reunem-se, discutem e fazem conjecturas das músicas vitoriosas dêste ano. Para nós, fazendo um equilíbrio entre o bom gôsto e espírito de penetração no povo apontamos como as melhores e prováveis vencedoras as seguintes:

AS POSSÍVEIS VENCEDORAS

Samba: "Me deixe em Paz", de Monsueto C. Menezes e Ayrton Amorim, gravado por Linda Batista, "Lata D'Água", de Luís Antônio e Jota Júnior", gravado por Marlene, "Ana Maria", de Luís Soberano e Anicio Bichara, gravado por Francisco Carlos, "Deus me ajude", de Francisco Alves, David Nasser e J. Rui, gravação de Carlos Galhardo, "Mundo de Zinco", de Nássara e Wilson Batista, gravado por Jorge Goulart.

Marchas: "Garôta Sapeca", de Aldacir Louro e Fernando Martins, gravada por Gilberto Alves, "Maria Candelaria", de Klecius e Armando Cavalcanti, gravada por Blac-out", "Girassol", gravada por Carlos Galhardo, "A Marchinha dos Velhinhos", de Arnaldo Passos e Garcez, gravada por Roberto Paiva, "Papai me disse", de Peterpan e J. Batista, gravada por Araci Costa. (**N. B.** Não contamos com as músicas de última hora que as vêzes são uma "bomba").

★

De uma forma ou doutra, com boas ou más músicas o carioca tem o que cantar para o Carnaval de 52. Estamos ansiosos, como grandes entusiastas que somos do Carnaval, para poder dizer "Evoé", Momo é hoje. E Deus queira que não chova, para o delírio ser indescritível. Brasileiros, vocês hão de ter saudades do Carnaval. Filhos de brasileiros, vocês hão de ter uma saudade atávica do Carnaval, na era longínqua em que êle não fôr mais uma página bárbara, um samba infernal, na noite imemorial do tempo extinto. Estranha festa. A quem uma vez se perdeu em tua atmosfera de sonho, como um personagem fantástico, nunca mais lhe sairá dos ouvidos o teu clamor de epopéia.



OLIVINHA CARVALHO Tem dois números para o carnaval de 52



GILBERTO ALVES
«Garôta Sapeca» é uma marcha bem credenciada



CARLOS GALHARDO
«Girassol» já está vencedora.

São Paulo — dezembro.

DURANTE quinze anos Lima Barreto sonhou com "O Cangaceiro". Ou melhor, durante "êsse curto prazo", o cineasta patrício planejou o filme que prometeu ser sua obra prima. Hoje, Lima Barreto é um técnico, um perito em coisas relacionadas ao cangaceirismo. Leu tudo que jamais foi escrito sôbre o assunto. Percorreu centenas, milhares de quilômetros, pesquizando. Ouviu caboclos do sertão da Bahia. Ouviu "experts", cientistas, psicólogos, sociólogos. Foi parar até (como visitante é claro), na Penitenciária de Salvador, onde ouviu durante horas o "Volta Sêca", um dos poucos reminicentes do bando do "Lampeão", que até há pouco cumpria pena naquele presídio e que acaba de obter o livramento condicional, a comutação da pena.

Agora, depois de sua última temporada na Bahia, Lima Barreto já está de novo em S. Paulo, fechado num escritório do 2.º andar da rua Major Diogo 311, planejando com a sua equipe, o início das "operações" da batalha do "O Cangaceiro". Fêz e refêz o "script" diversas vêzes. Fêz a decoupage. Acompanhou com um carinho de pai, os diálogos que Rachel de Queiroz fêz para o seu filme. Discutiu horas e horas com Gabriel Migliord sôbre a música de "O Cangaceiro", inspirada na famosa "Muié rendeira" do "focklore" nordestino. Tudo no filme está sendo previsto. O Lima Barreto fêz até alguma coisa de absolutamente inédito no cinema nacional: "minutou" o filme do comêço ao



tará, em tôda a sua grandeza, a história dos cangaceiros do nordeste. Ao lado dêles, acha-se também aquela magnífica "Dona Felicidade", de Caiçára", que vai reaparecer.

"CAST"

Mas o "cast" ainda não está completo. Falta alguém. Não um "astro" ou uma "estrêla". Falta um bicho: uma onça, figura obrigatória, imprescendível para a história do filme. O Lime Barreto, que não se atrapalha, mas, no entretanto está atrapalhado com a onça. Mais ainda, o Renato Consorte, diretor de produção do filme, braço esquerdo do Lima, que êle teima ser também o seu próprio braço direito, se metendo em tudo o que se relaciona com o seu filme. A onça está dando um trabalhão. E' preciso uma onça grande, pintada. O pior é que ela morre no filme. Morre matada, pelo Galdino. Já — se vê que não pode ser uma onça emprestada. Porque o Lima não vai depois devolver a onça morta, com um pedido de desculpas...

OPORTUNIDADES PARA OS INIMIGOS DA ONÇA

O repórter da CENA, quando soube os apuros do Lima Barreto, resolveu colaborar, dando uma oportunidade... aos inimigos da onça. E' por isso que faz, daqui, um apêlo ao leitor: se você sabe onde encontrar uma onça, se você conhece alguém que quer vender uma onça (gran-

LIMA BARRETO QUER COMPRAR UMA ONÇA



OPORTUNIDADE PARA OS INIMIGOS DA DITA

De PAULO KALAMAR

★

(Especial para "A CENA")

fim. Atualmente, mesmo antes de rodar a primeira manivelada da película, Lima Barreto pode dizer com uma precisão de máquina de calcular exatamente o que estará acontecendo, por exemplo, no 58.º minuto de projeção de "O Cangaceiro".

O ELENCO

O elenco principal do filme já foi escolhido, depois de muitas horas de teste. Marisa Prado, a estreante de "Terra é sempre terra" e "Estrêla" de "Tico-Tico no Fubá" ganhou o maior papel que jamais poderia ter sonhado em sua vida: será a "Olivia" do romance que Lima Barreto escreveu para o Cinema. Alberto Ruschel, que em "Ângela" deixou bem patenteado os seus méritos de ator, será "Galdino". Milton Ribeiro, que se revelou no rádio-teatro das "Associadas" e que já fêz vários, pequenos e grandes papéis no TBC, será o cangaceiro Teodoro. Aí está o trio central do semi-documentário épico que con-

dinha), ajude o Lima Barreto. Basta telegrafar para êle, (rua Major Diogo, 311 — São Paulo), mandando o preço, dando as condições do negócio. E outra sugestão: se você quer fazer boa blague, mande de presente (se você tiver, é claro) uma onça bem grande para o Lima. E neste caso, mande a domicílio, para a sua residência, no City Hotel, de São Paulo. Eu só queria ver os apuros do Lima, fechado em seu minúsculo apartamento de hotel, com uma bruta pintada...







CASEI-ME COM MINHA MULHER

LET'S MAKE IT LEGAL





1 ...Embora o pedido de divórcio do casal Hugh Halsworth (Macdonald Carey) e Miriam Halsworth (Claudette Colbert) lhes deva ser concedido à meia-noite daquele dia, êles continuam sendo bons camaradas. Êle guarda até algumas de suas roupas em casa de Miriam e aparece de vez em quando para cuidar das flores raras que êle cultiva no jardim. A filha casada, Bárbara Denham (Bárbara Bates) que, com seu marido Jerry (Robert Wagner) vive com sua mãe, faz o possível para aproximar novamente os seus pais numa reconciliação.

2 ...Jerry é o assistente de Hugh, que trabalha como diretor de publicidade num elegante hotel, onde as coisas se tornam um pouco complicadas quando o conhecido industrial e milionário, Victor MacFarland (Zachary Scott) ali vem se hospedar. Êle e Hugh, além de terem crescidos juntos, haviam cortejado à mesma pequena, Miriam, até o momento em que, sem nenhuma explicação, Vic desaparecera, deixando o campo livre para Hugh. A corrente de chave da qual pendem dois dados parece estar ligada ao misterioso desaparecimento.





3 ...Victor de forma alguma havia esquecido Miriam e mal pôde disfarçar o seu contentamento ao saber que Hugh está a ponto de perdê-la. Acontece que quando Hugh estava em casa cuidando de suas flores, Miriam recebe flores enviadas por Vic. Nessa mesma noite Vic vem convidá-la para jantar. Ela aceita o convite "em consideração aos velhos tempos" quando Hugh, por sua vez aparece fazendo o mesmo convite. Ela resolve o problema convidando os dois para jantarem em casa com ela.

4 ...Victor resolve permanecer na cidade até ter notícias de Washington acêrca de uma confirmação do Senado sôbre a sua escolha para uma comissão internacional de negócios. Nesse interim êle procura reconquistar o coração de Miriam enchendo-lhe a vida de momentos agradáveis. Hugh, entretanto, avisa-a de que não deve levar Victor a sério e que êsse último está apenas tentando criar um novo romance na sua vida de solteirão. Mas Miriam e Victor são vistos em tôda parte juntos.





5 ...Hugh, para matar o tempo está passando seus momentos livres com o modêlo Joy Mannering (Marilyn Monroe). Joyce gostaria de agarrar um milionário de forma que num night-club, numa ocasião em que Miriam e Victor estão presentes, êle consegue trocar os pares com Victor. Hugh continua a avisar Miriam acêrca das intenções de Victor, dizendo que êle está apenas se divertindo com as suas emoções. Isso enfurece Miriam que resolve fazer uma campanha para conquistar Victor e levá-lo ao altar. Êles ficam noivos.

6 ...Victor recebe o seu chamado de Washington e Miriam, ao levá-lo ao aero-pôrto vem a saber do que se passara naquele dia, há vinte anos passados, quando Victor a abandonara tão sùbitamente. Ela fica furiosa com Hugh e o ameaça de destruir os seus queridos canteiros de rosas. Sob essa ameaça, a fim de salvar as suas flores, êle próprio vem tirar suas roseiras, uma noite, mas termina na delegacia. Miriam é chamada para indentificá-lo e nessa ocasião, fotógrafos batem chapas.





7 ...Quando a fotografia é publicada em Washington, Vic frenèticamente telefona a Miriam. Êle havia visto os jornais e temia que isso viesse a influenciar contra sua escolha para a comissão. Êle lhe pede para não ir para Washington por enquanto. Mas, Miriam também tem o seu amor-próprio e decide desfazer o noivado imediatamente. Hugh não se surpreende quando vem a saber do que se passara. Miriam, porém, lhe diz que ela não quer nada com êle também.

8 ...Ela lhe diz que tem uma opinião formada sôbre os homens que decidem o amor de uma mulher com os dados. Hugh lhe entrega a corrente de chave que êle trazia sempre consigo — a que tinha os dados e sugere que ela os jogue. Cada vez que ela joga, torna a jogar e sempre dá o número sete. Ela compreende então que êle havia trapaceado para ganhá-la. "Foi a única vez na minha vida" diz êle, "mas a aposta era muito alta..."



Lutava contra o analfabetismo e contra o obscuratismo daqueles pobres homens semi-civilizados...

"ALMAFORTE"

— O senhor é o novo professor?

— Quem foi que lhe disse?

— Para aqui ninguém quer vir, só mesmo um... — assim se expressava um humilde camponês, ajuntando às suas palavras um gesto significativo de louco, rodando o indicador junto da cabeça. — Como foi que o senhor veio parar aqui neste fim do mundo?

— Pedi um lugar onde não se necessitasse de diploma...

— Como, o senhor é professor e não formado? Não tem título de bacharel?

— Sim, tenho um: alfabetador.

Explica-se, êle gostava de ensinar, êle, Alfredo B. Palacios, havia chegado a êsse lugarejo nos confins da zona pampeana, onde reinara a revolução do general Roca, apenas com o fito pacífico de letrar aquela gente inculta. A escola era uma tapera abandonada e para lá se chegar havia necessidade de atravessar pelo pantanal, para poder ensinar teve de discutir com os país das crianças, obrigados pelos camponeses a trabalhar desde pequenos no campo.

No armazém do povoado, êle predicava e mostrava os inconvenientes da pessoa que não sabia ler ou escrever. Eram-lhe hostis, principalmente quando Secundino, o fazendeiro mais poderoso do local, lhe burlava de suas intenções. Em compensação recebe todo o apoio de uma jovem, Pepita, que passa a influir sôbre seu espírito.

Consegue afinal que o ajudem. A escola é melhorada. Num tôsco estaqueamento é erguido um mastro e a bandeira desfraldada. Cada um concorreu com um pouco, um com uma vaca, outro com galinhas e assim pôde abrigar algumas crianças e alimentá-las. Depois de alguns meses Alfredo B. Palacios, apelidado de "Almaforte" por sua fibra indomável, consegue cobrar os ordenados atrasados, gastando-o em seguida ao comprar roupas para as crianças, dando ainda para comprar uma guitarra, na qual tocará para êle um de seus três afilhados: Pancho, Antônio ou Damian. Por êsses dias chega, também, a escola uma jovemzinha vestida de gaúcho, Zulema, que é recusada por que alí era uma escola de meninos, ficando, no entanto, para ajudar nas lidas da casa. Dias mais tarde aparece Luisito, que é recolhido por Almaforte, numa briga com outros garotos.

E L E N C O :

Narciso Ibañez Menta	Almaforte
Pola Alonso	Pepita
Eva Angélica Caselli	Zulema
Federico Mansilla	Médico
Juan Bono	Sarmiento
Juan Carrara	S. Vila
Juan Alighieri	Antoni
Rodolfo Martincho	Damian
Eugênio Marcó	Panchito
Ricardo Viana	Luís
Hugo Ambrune	Luisito
Enrique Vico	Gal. Mitre

Argumento de Belisário G. Villar — Adaptação de Pedro Miguel Obligado — Produção da Argentina Sono Filmes — Distribuição da São Miguel Filmes.

Direção: LUIS CÉSAR AMADORI

Zulema passa a ir a fazenda de Vila, onde entrega uns misteriosos papéis a Pepita, que os lê com um pronunciado rubor; são versos de Alfredo, que desde o dia em que ela lhe havia oferecido uma flor, passara a ser a sua inspiradora.

"Flores, para mim, senhora?"

Uma das vêzes que Zulema vai entregar mais outro verso, D. Secundino, intercepta e lê o poema. Procura o professor e pede-lhe que faça uns versos para uma festa que se celebra essa noite na sua estância.

— Que se celebra esta noite? Algum aniversário?

— Não, o noivado de minha filha.

Quando, a noite, se encontram, ela não sabe formular uma desculpa.

— Para que?... — Diz Almaforte com os olhos perdidos. — A culpa foi minha, por ser sonhador...

★

Tempos mais tarde chega ao povoado o primeiro magistrado da pátria, Sarmiento.

Há festividades na aldeia. Sarmiento é hospedado na estância de don Secundino. Só Almaforte permanece no seu canto. Um de seus alunos lhe pergunta por que não compareceu a recepção de Sarmiento ou por que, pelo menos, não fêz uma poesia saudando o Presidente.

— Qual versos, qual coisa nenhuma... — Diz o mestre. — Êle é um homem de realidades... Querem um verso que faça sorrir de alegria ao Presidente?...

Diante do silêncio da classe, êle dita:

— "Viva a Pátria!"

Ao terminar de escrever estas palavras no quadro, êle escuta uma voz firme que ressonantemente diz:

— Bravos!

Era o Presidente, que vinha visitar a escola.

Ambos se confundem num abraço fraternal.

★

Alguns anos se passaram... Agora se celebra a abertura da nova escola e nesse dia Almaforte recebe a notícia formal de que não pode continuar nela por não ser diplomado.



Procurava salvar o filho daquela que amara com afeto paternal...

Sem dizer nada a ninguém, êle olha para o retrato de Sarmiento e murmura:

— Ah! se fôsses vivo...

Em seguida se despede.

Mansamente e sem revolta toma outro destino. Vai acompanhado de Zulema. No meio do caminho são alcançados por Luisito, que está enamorado da garôta. No olhar de Almaforte há tristes interrogações sôbre o seu destino e o daquelas pobres crianças abandonadas.

★

Mas os tempos se sucedem... Almaforte era solicitado pelos jornais da capital para nêles verter as suas idéias liberais, adotando o pseudônimo que lhe haviam pôsto no campo, ao invés de seu verdadeiro nome, Alfredo B. Palacios. Seria Almaforte para libertar as futuras gerações e combater nas colunas liberais do momento... Mitre o novo presidente, elogia seus escritores e seu nome se torna popular. Um dia Antônio, Damian e Panchito visitam um político influente e pensam em lançar a candidatura de Almaforte para uma vaga de deputado; mas êste não aceita as condições que estão em desacôrdo com uma maneira reta de proceder e como homem íntegro, recusa-se a se vender aos interêsses internacionais. Como se fôsse pouco, explica tudo num discurso público, conquistando, assim a total simpatia do povo.

Conversando, mais tarde com seus antigos alunos, Almaforte rememora coisas doutros tempos...

Pergunta por Pepita e lhe informam que ela não fôra feliz no matrimônio, que tinha dois filhos e que ela mesma ensinara as primeiras letras aos filhos...

★

Um dia chega a escola uma mulher com aspecto cansado e fatigado. Êle não a reconhece no primeiro momento. E' Zulema que lhe vem pedir que salve o seu filho, que se encontra detido por responder com violência a uma injúria recebida.

Almaforte vai a célula do rapaz e visita-o. Depois dirigi-se a um juiz cabeça dura, que nega-se a dar liberdade ao jovem. Almaforte vai ao Governador e, finalmente, consegue, que o filho de Zulema seja libertado.

Sobrevem a guerra de 1914...

Numa festa de despedida de jovens que partem para o front europeu, Alfredo B. Palacios, receita o seu famoso poema "Apóstrofes". Antônio Demian e Panchito, ao final da recitação vêm entregar ao mestre um Título ofertado pelo magistério, a fim de que ensine sem ser desalojado...

Anos mais tarde, alquebrado pela idade, comparece a uma festa de seus ex-alunos, entre os quais há um neto de Luís e Zulema. Almaforte segue fazendo planos para o futuro, mas agora mantém uma luta com outra pessoa: seu médico particular.

Um dia tem um sonho: vê-se rodeado de alunos, muitos alunos, vestidos de branco e cantando uma canção escolar enquanto êle iça a bandeira. No momento mais solene, Almaforte desperta.

No seu leito de enfêrmo, Almaforte apenas tem uma preocupação: suas crianças. Há uma ordem medica que proibe as visitas. Um dia violando tôdas as cautelas chega Pepita com seus netos. E' uma grata emoção para aquêle homem que tanto lutou. Ela promete-lhe voltar todos os dias, Almaforte olha para os olhos dos netos de Pepita e diz:

— Todos têm olhos azuis... Tal como eu desejaria se tivesse tido filhos...

Um de seus alunos pede-lhe licença para cortar as flores do jardim da escola. Pela janela aberta chegam aos ouvidos de Almaforte as vozes infantis de seus alunos; quando o aluno regressa, com as mãos cobertas de flores, Almaforte já havia cerrado seus olhos para sempre.

— Aqui estão as flores que eu lhe ofereço...

Mas não encontrando resposta, coloca as flores no peito do mestre e se aproxima da janela, donde faz um sinal significativo aos meninos no recreio:

— Não façam ruido... O mestre está descansando.



De novo o Destino punha-os juntos num momento decisivo...



Na hora extrema teve ao seu lado a mulher de seus sonhos de homem e poeta.

Flashes Mundiais

ESTADOS UNIDOS

O ator britânico David Farrar revelou recentemente uma das suas mais singulares afeições ao anunciar com orgulho que tem gravado 15.000 metros de fita com os mais estranhos sons. Farrar, o qual veio para Hollywood para encarregar-se do papel estrelar masculino ao lado de Ann Blyth no filme da Universal-International "A Princêsa e os Bárbaros", dedica tôdas as suas horas livres a êste passatempo e possui, ruidos recolhidos nas cinco partes do mundo. O ator iniciou sua original coleção faz cinco anos quando um grupo de admiradores lhe obsequiou com um aparelho portátil para registrar sons. No dia seguinte David realizou sua primeira gravação recolhendo o melodioso repique do histórico relógio "Big Ben" de Londres, dando assim princípio a sua coleção.

Ao cabo de um ano, Farrar havia captado em seu aparelho as órdens de comando com a qual diàriamente se muda a guarda do palácio de Buckingham; o apitar da sirene do transatlântico Que é a Mary; a voz de Winston Churchill; as dos reis da Inglaterra e um trecho da representação que em honra de Shakespeare se dá todos os anos em Stratford-on-Avon. Na viagem que realizou um ano mais tarde teve ocasião de aumentar sua coleção de sons com os seguintes: vinte minutos de canto tirolêz, na Suissa; a voz de um guia do museu de Louvre em Paris; as vozes dos cancioneiros das ruas de Nápoles; uma discussão política num restaurante de Roma; uma tourada em Madrid e o grito dos elefantes sagrados na India.

Ao chegar aos Estados Unidos Farrar trazia uma minuciosa lista dos sons que lhe interessavam captar e já conseguiu obtê-los quase todos. Entre êles figuram a voz do Presidente Truman; os múltiplos ruidos que se escutam no bairro de Times Square de Nova York; o tilintar das moedas nas máquinas de jogos de azar, em Las Vegas, Nevada; o rugido das ondas do Oceano Pacífico num dia de tormenta e a célebre e prolongada gargalhada de William Boyd no seu papel de Hopalong Cassidy. Êste é o único astro de Hollywood que figurará na famosa coleção de sons do ator David Farrar.

★

McNALLY, O ESCRITOR

Quando Stephen McNally terminou seu trabalho no filme da Universal-International "O Demolidor" (The Iron Man) que protagoniza ao lado de Jeff Chandler e Evelyn Keyes, passou a dedicar-se inteiramente a dar os últimos toques a seu livro "As Seis Sensações". Trata-se de uma história cômica sôbre um astro cinematográfico que passa grandes apertos para criar seus seis filhos em Hollywood. Não é necessário dizer que a novela é autobiográfica. McNally encarregou Roberta Gorden, famosa ilustradora de contos infantis, dos desenhos que figuram na obra.

★

O diretor Charles Barton surpreendeu todo o estúdio da Universal recentemente, ao terminar a filmagem de "Ma and Pa at the County Fair" (Ma e Pa na Feira), mediante o emprêgo de uma nova técnica.

O que maravilhou a tantos, é que, êle rodou a última cena desta fita no final da produção.

Êste insólito caso não havia acontecido de há muito tempo. Com muita freqüência os diretores rodam a primeira cena dos filmes, uma vez que tenham sido, terminadas tôdas as demais e o final primeiro. Por essa razão ao deixar por úlitmo a cena posterior do filme resulta para as mentes cinematográficas tão absurda como seria um arquiteto começar uma casa pelo teto.

Esta alteração da órdem natural das cenas é necessária para terminar quanto antes aquelas nas quais intervêm os atores que disfrutam de altos soldos e livrar-se da carga econômica que dão os numerosos extras.

No caso de "Ma and Pa at the County Fair" (Ma e Pa na Feira), não obstante, Marjorie Main e Percy Kilbraide que personificam "Ma" e "Pa", assim como Lori Nelson e James Bost, que formam a dupla romântica, participarem em tôdas as situações que formam a trama do filme e desde logo na que põe fim a história.

Outros seis atores, que representam personagens de importância, trabalharam em tôda a fita e em seu final, pelo que não houve necessidade de interromper a continuidade para aliviar o gasto da produção.

O diretor Barton deixou ainda mais confundidos os que estavam nos estúdios ao recordar-lhes que neste quarto episódio da série de comédias da família Kettle, também havia filmado a primeira cena antes que qualquer outra. Por ter-se afastado dos métodos rudimentares Barton foi considerado como o criador de uma nova e revolucionária técnica cinematográfica.

★

O sonho de todo escolar estêve a ponto de converter-se em realidade recentemente nos estúdios da Universal-International, quando um pesado caminhão numa manobra errada destruiu completamente a escola portátil com a qual conta esta companhia.

As vinte e quatro crianças para dar caráter ao filme trabalham em "A Cova da Maldição", filme protagonizado por MacDonald Carey e Alexis



Apesar de suas inúmeras atividades como cantor e ator no rádio, na televisão, nos palcos e em tôda espécie de espetáculos teatrais, Tony Martin, o ex-marido de Alice Faye, atualmente casado com a encantadora Cyd Charisse, ainda encontra um tempinho para de vez em quando fazer cinema. Tony, considerado o ator mais sorridente de Hollywood, vem de terminar recentemente «Two Tickets to Broadway», um musical tecnicolor para a RKO.



Após o recente casamento de Ida Lupino com Howard Duff, chega-nos de Hollywood, a notícia de mais um enlace de dois outros jovens artistas. O feliz par, que vemos na foto acima, partindo alegremente o bôlo nupcial, é composto por Virgínia Field e Willard Parker que contrairam matrimônio recentemente em Hollywood. Quanto tempo durará esta felicidade que os torna tão alegres e românticos. O tempo o dirá.

DE TODO O MUNDO

★ *LOLA RAMOS, uma das belas e encantadoras estrêlas do cinema espanhol, exímia bailarina e excelente cantora, vem de receber uma interessante proposta para atuar em um dos grandes estúdios franceses.*

★ *CARMEN SEVILLA, é outra "vedette" andaluza que anda interessando Hollywood. Num grupo em que se comentava a beleza morena de Carmen, através umas fotos, chegadas a Hollywood, alguém perguntou se ela sabia suficientemente o inglês, ao que Joan Crawford, uma das componentes do citado grupo, retrucou: "Com um palminho de cara assim, não é preciso saber inglês".*

★ *"LA SENORA DE FÁTIMA", película que retrata o aparecimento da Virgem de Fátima, um dos marcantes episódios de fé cristã, tem alcançado extraordinário sucesso em tôda a Europa. Produzida na Espanha, "La Señora de Fátima", apresenta em seu elenco. Ines Orsini (Céu sôbre o pântano), Fernando Rey e Tito Junco, além de vários outros.*

FALA-SE AGORA, mais do que nunca, da volta de Greta Garbo ao cinema. A "divina" sueca parece que desta vez, está mesmo resolvida a enfrentar novamente as câmaras. O seu filme de retôrno seria "Carlota", extraido de um argumento original de John Grinther, e as filmagens teriam início em 1952.

★ *ZARAH LEANDER, a grande estrêla do cinema alemão, promete que também voltará a filmar brevemente, isto é, logo que tenha realizado a sua projetada "tournée" pela América do Sul.*

★ *Dizem que: GINGER ROGERS voltará a atuar nos palcos da Broadway, como estrêla de revistas...*



«Don Juan Tenorio», com Mário Cabré (famoso toureiro espanhol) e Maruchi Fresno, graciosa estrêla das produções espanholas, vem de ser lançado com grande êxito na Espanha, tendo sido muito bem recebido pelo público e pela crítica. No clichê os dois principais intérpretes do filme.

★ *O JORNAL mexicano "Universal", agraciou Mário (Cantinflas) Moreno, com a "Medalha do Mérito Civil", pela solicitude com que atende àqueles que recorrem à sua generosidade.*

★ *CORINNE CALVET é considerada em Hollywood, como a "garôta dos olhos de nylon"...*

★ *FREDERIC MARCH, com a devida permissão de Mrs. Roosevelt, será o intérprete de uma película biográfica, sôbre a vida do grande estadista, Franklin Delano Roosevelt.*

★ *LISA DANIELY, intérprete da película inglêsa "Lili Marlene", é uma das mais bonitas "new-faces" aparecidas ùltimamente.*

★ *HENRY VIDAL não quer mais fazer filmes com sua espôsa Michele Morgan. Embora a adore, êle acha que cada um deve seguir o seu caminho e triunfar por si próprio. Até agora êles interpretaram juntos três películas...*

★ *A FILHA de Raimm, o falecido ator francês, está dando vários recitais, a fim de reunir os três milhões de francos necessários à construção de um monumento à seu pai, em Toulon.*

★ *ERROL FLYNN pediu permissão para adotar o filho de seu grande amigo Freddy McAvoy, recentemente perecido num naufrágio nas costas do Marrocos francês.*

★ *EM "LOVE NEXT", voltam a atuar dois grandes nomes do cinema, quase totalmente esquecidos hoje. São êles Beatrice Joy, espôsa do malogrado John Gilbert e Frank Fay, ex-espôso de Bárbara Stanwick.*

★ *ARLETE PUREA, descendente de uma rainha do Thaiti, vem de reclamar judicialmente, uma indenização de 50 000 contra o norueguês Thor Heyerdahl, por haver êste comercializado um filme em que ela intervém, dançando a famosa "hula".*

Smith, não cabiam em si de contentes ao vêr na manhã seguinte, à da chegada nos estúdios, que a escola havia desaparecido.

Mas a alegria desapareceu como por um encanto quando a mestra Hoene recomeçou as aulas num estábulo vazio, destinado ás fitas de vaqueiros.

★

O prêmio que a Academia de Ciências e Artes Cinematográficas acaba de conceder a Josephine Hull não podia ter sido em tempo mais oportuno. A veterana atriz viu realizado o sonho de todo artista, precisamente quando completava 50 anos de trabalhos nos palcos e na tela. Josephine debutou no teatro com a Castle Square Stock Company em Boston faz meio século, iniciando-se no cinema um ano depois ao lado do desaparecido ator Walter Huston nos antigos estúdios Astória de Nova York.

Conforme o costume imperante em Hollywood, Josephine, que foi premiada com um Oscar devido à sua atuação no filme "Harvey" fita na qual travava descomunal batalha com um coelho invisível, devia celebrar seu meio século de atividades artísticas no cenário onde atualmente protagoniza o filme da Universal-International, "Fine Day", travando amizade com um tempestuoso cavalo que será seu companheiro de aventuras no filme. "Que vamos fazer !" exclamou Josephine. "São os ossos do ofício".

★

A última novidade de Hollywood é a moda de diretores a cavalo. O diretor argentino Hugo Fregonese teve a honra de ser o primeiro a utilizar os cavalos como meio de locomoção para dirigir uma fita.

Enquanto se filmava "Flechas de Vingança" (pache Drums), o filme da U. I. em Tecnicolor, com Stephen McNally e Coleen Gray, Fregonese resolveu o problema de dar ordens a uma tribo de 250 guerreiros apaches para que atacassem uma pequena aldeia fronteiriça, calçando um par de bombachas e montando num cavalo pondo-se ao comando dos atacantes. Antes de sua chegada a Hollywood, Fregonese dirigiu numerosas películas em seu país, a Argentina, e antes de ser diretor de cinema era um "valiente" gaúcho.



O diretor argentino Hugo Fregonese, que atualmente vem se destacando em Hollywood, é visto aqui ao lado de Andrea King e Ricardo Montalban, ensinando-os como um verdadeiro «gaúcho» toma o seu chimarrão, em seu rancho. Andrea King, Ricardo Montalban e Cid Charisse, aparecem juntos em «A marca do Renegado» um tecnicolor da U-International.



OS DOIS LADOS DA VIDA

TENDO a Côrte Suprema dado como motivo da morte de Ralph Clementi — um dos homens mais ricos da Itália — um acidente ocasionado pelo seu completo estado de embriaguez, o investigador de seguros Jeff Di Marco apresenta motivos de suspeita, sôbre o caso, à companhia em que trabalha. Êle aponta que a irmã de Ralph, Ester Clementi, fôra adotada em criança pelos pais do falecido e que existe uma grande amizade entre a viúva de Ralph e Ester. Desta forma, Jeff consegue permisão para fazer algumas investigações, antes que seja paga a vultosa apólice de seguros à viúva de Ralph Clementi.

No transcorrer das suas pesquisas Jeff descobre que Bárbara, uma ex-atriz norte-americana, casara-se com o milionário Ralph Clementi após um rápido namôro e contra os desejos da sua invejosa irmã de criação. O casamento começara a fracassar logo depois de realizado e Jeff vem a saber por intermédio dos criados, que Ralph, que nunca ingerira qualquer bebida alcóolica antes do seu enlace, embebedava-se frequentemente pouco antes da sua morte.

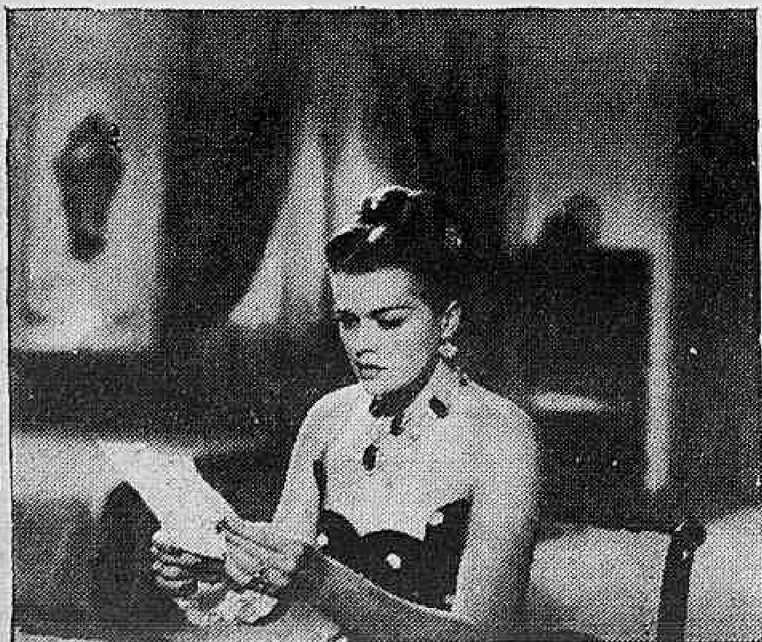
Jeff resolve depois visitar o local situado no rio Tibre onde se encontram secretamente Bárbara e seu amante Gene Hurd e ali toma conhecimento que os dois estão planejando sair de Roma. O criado que lhe fornece essa informação, acrescenta ainda que Bárbara e Geme vêm-se encontrando naquele esconderijo há vários meses.

Aproveitando ao máximo o pouco tempo que ainda lhe resta para elucidar o caso, Jeff vai a casa de Ester para ouvir a sua versão da história. Esta, por sua vez, diz-lhe que Bárbara nunca tivera amor por Ralph, que ela o humilhava e que êle sabia do romance entre sua espôsa e Gene, acrescentando ainda que ela está certa de que Bárbara é a responsável pela morte de Ralph.

Dali Jeff dirige-se apressadamante para a casa Clementi situada no lado e descobre que alguém havia trocado as taboletas fixadas na estrada que designavam dois caminhos: uma onde se lia "Intransitável, conduz à morte" e outra "Casa Clementi".

Jeff examina as duas taboletas e verifica que apresentam golpes de martelo. Esta descoberta faz com que êle se convença ainda mais de que as taboletas haviam sido trocadas.

(Cont. na pág. 29)

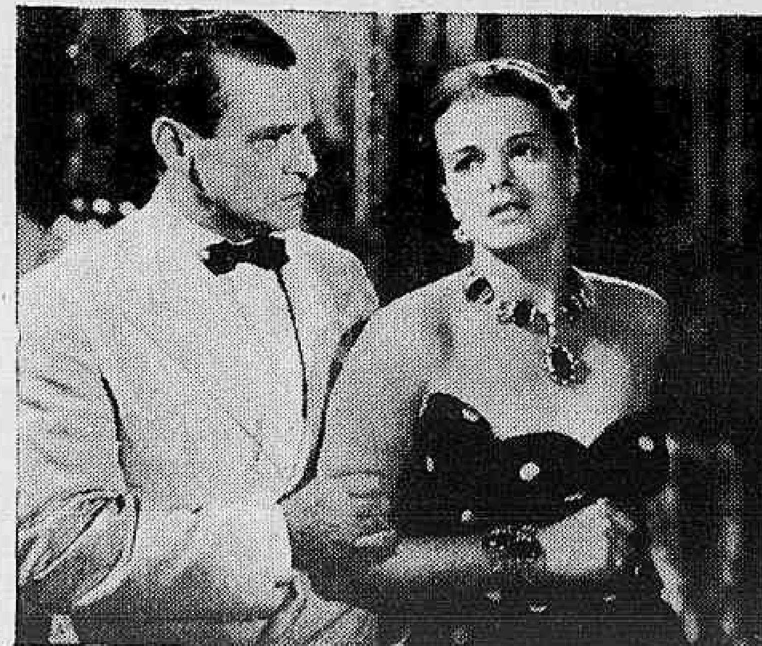


(FUGITIVE LADY)

PERSONAGENS:

Bárbara Clementi ..	**Janis Paige**
Ester Clementi	**Bennie Barnes**
Gene	**Massimo Serato**
Ralph Clementi	**Eduardo Ciannelli**
Jeff	**Tony Centa**
Giussepe	**Dino Galli**

Um filme Republic, filmado e desenrolado na Itália.



UMA BOA MÁSCARA E UM BOM FÍSICO PRONTOS PARA ENFRENTAR A CÂMARA ★ UMA CARREIRA TEATRAL VERTIGINOSA QUE O JOGOU NAS ALTURAS DO ESTRELATO ★ A MAIOR REVELAÇÃO MASCULINA DE 47, CANDIDATA-SE AO TÍTULO DE "MELHOR ATOR DE 51"

Reportagem de
JORGE MIGUEL

MANHÃ em Copacabana. As ondas investem sôbre a areia, onde uma multidão heterogênea, formada de brotinhos, balzaqueanas, velhos, moços e crianças, se delicia. Entre êles, um moço louro, de compleição atlética, dêsses tipos físicos que impressionam o sexo feminino, recebe os raios solares que incidem, fortemente, sôbre a praia. Dentro daquele rapaz forte e pintoso, existe uma sensibilidade, palpita um coração de artista, se concentra um grande temperamento dramático. Êle é um verdadeiro ator. Êle é Jardel Jercolis Filho.

Mente sã em corpo são, é o seu lema. Dedica a manhã ao banho de mar, mas a tarde é reservada para os estudos teatrais. Porque Jardel vive para o teatro e não se estratifica dentro daquilo que já alcançou. Possui uma ambição sadia que se reflete na constante insatisfação daquilo que já fêz e realizou, ambição que o impele para a frente, sempre para a frente, em busca de uma "performance" ainda maior. Assim tem sido a carreira de Jardel Filho: pontilhada de êxitos artísticos sempre maiores que os anteriores.

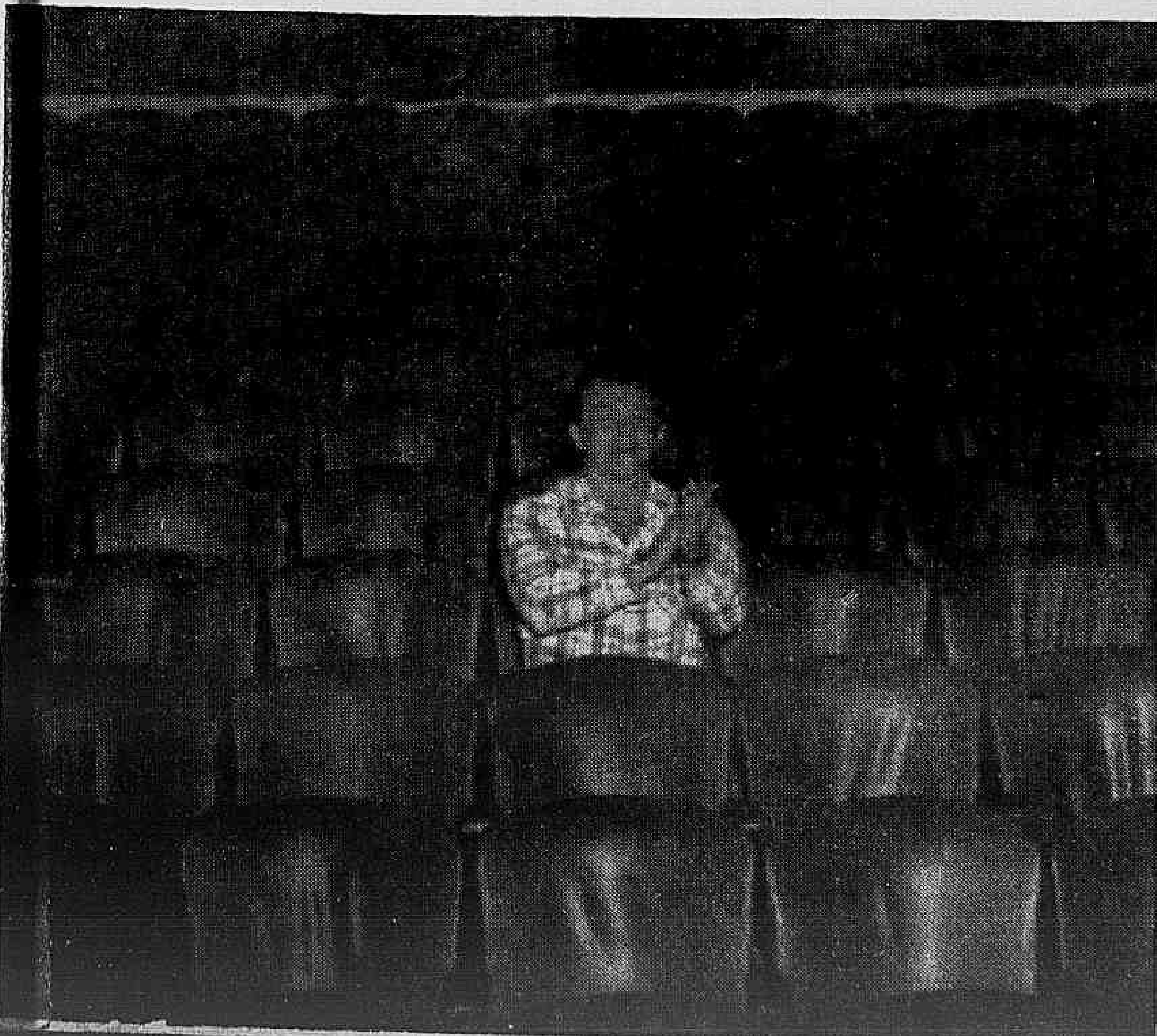


Jardel Filho não tem pressa. O que êle deseja é uma boa chance. Seu único passaporte para a tela é o seu melhor documento: o palco do Copabana.

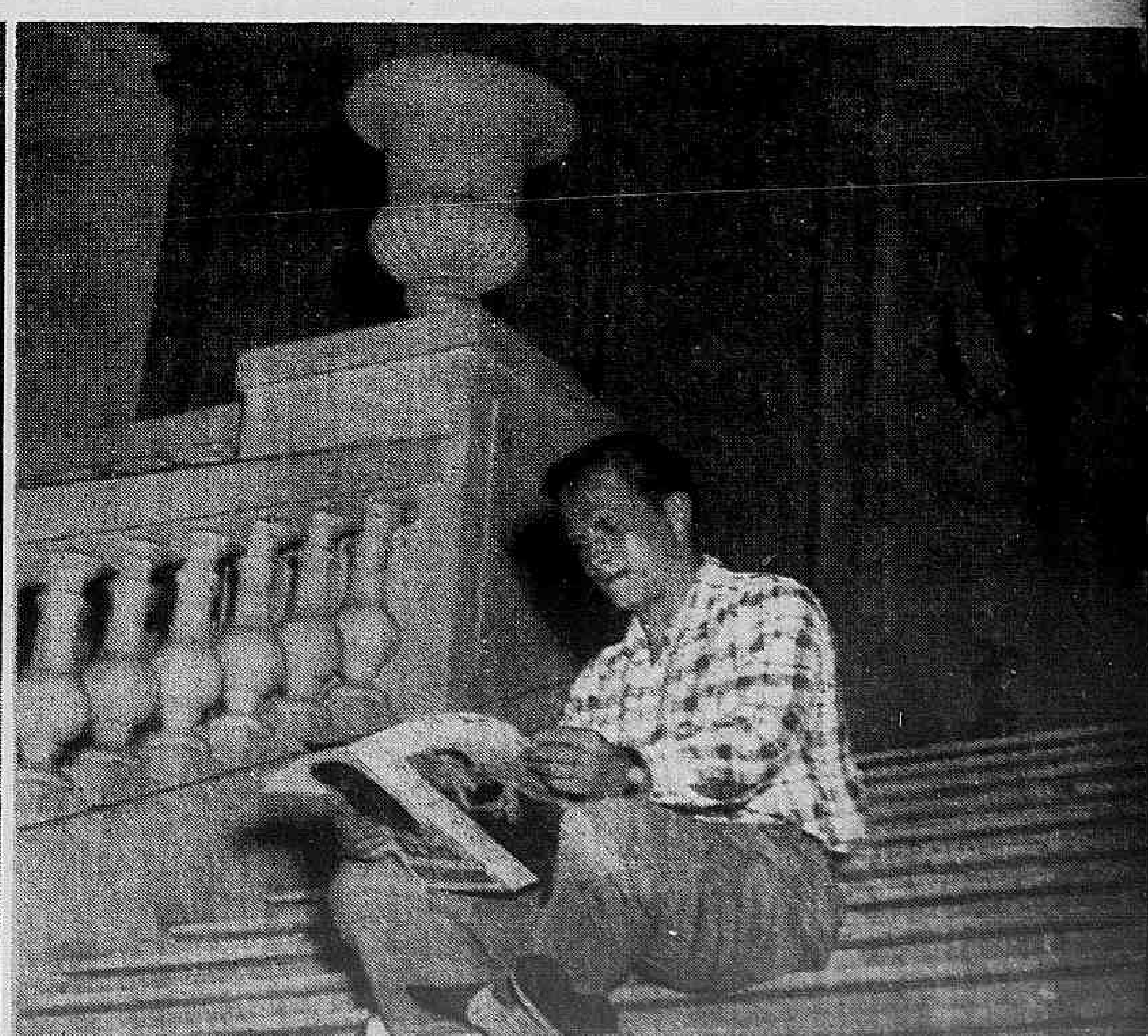
★

Jardel Filho nasceu no teatro. Vive dêle, por êle e para êle. Traz o sangue de seus pais, o saudoso Jardel Jercolis e a atriz Lódia Silva, na sua veia artística. Após os estudos escolares, ingressou no teatro, ainda garôto, pois contava dezessete anos. A estréia, todos ainda estão lembrados, se verificou a 17 de junho de 1946, em "Desejo", de O'Neil, no elenco dos Comediantes. O espetáculo constituiu um acontecimento, na época. Era o mesmo entusiasmo que hoje provoca o TBC, de São Paulo. A peça permaneceu, em cartaz, sete meses no Rio e dois em São Paulo. Como se vê, uma estréia bastante auspiciosa. Ainda nos Comediantes, interpretou papéis importantes em "A Rainha Morta", "Era uma vez um prisioneiro", de Anouhill, "Vestido de noiva", de Nelson Rodrigues, e "Terras do sem fim", de Jorge Amado. Observando muito e com ânsia de aprender tudo, Jardel Filho fêz uma trajetória pelos Comediantes, que lhe foi de grande valia. Em contacto com verdadeiros profissionais de teatro, que a-

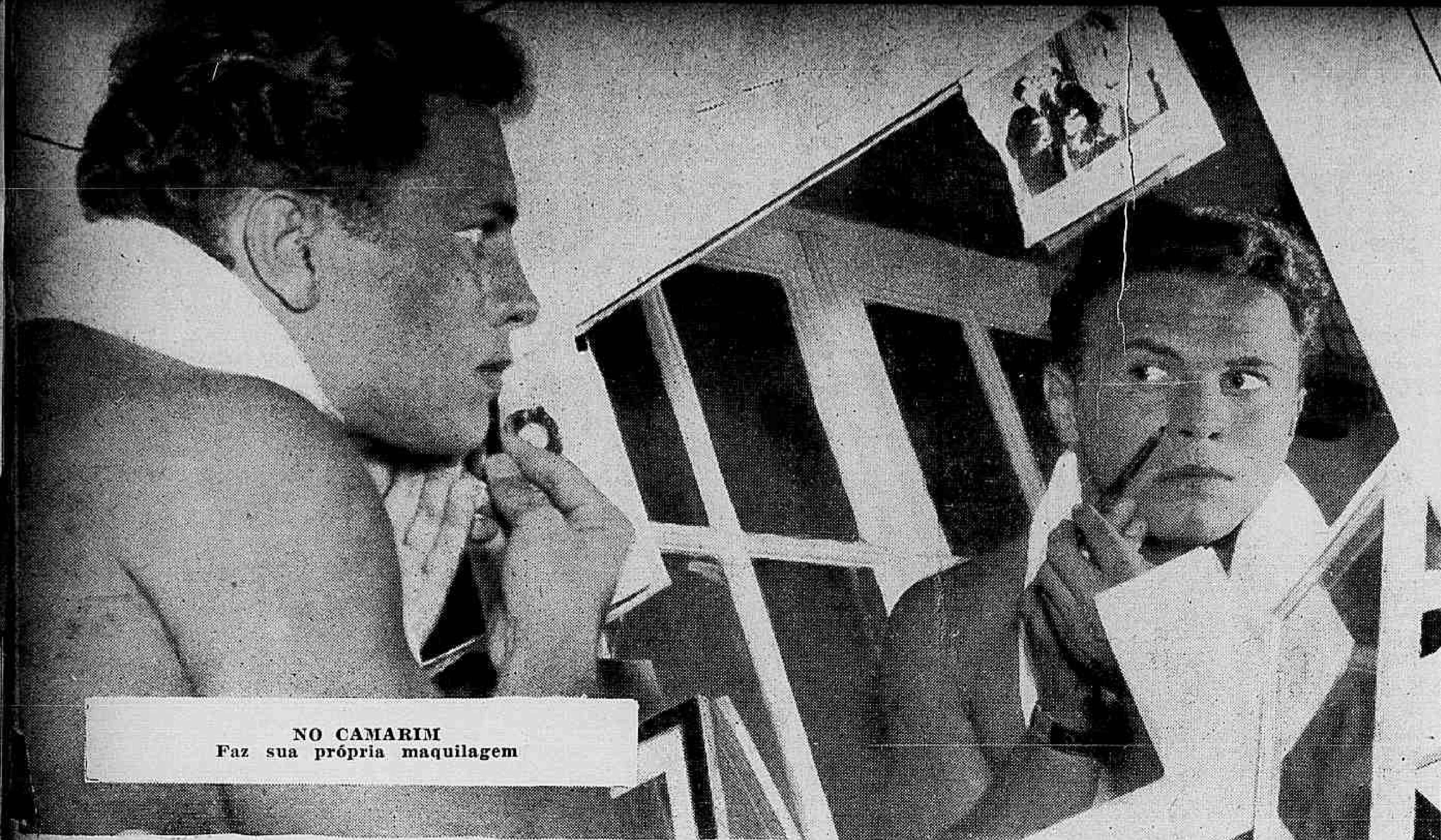
O CINEMA ESPERA JARDEL FILHO



Dêste grande auditório, cêrca de 400 pessoas aplaudem diàriamente o talento de Jardel. Êle espera, um dia, aplaudir-se a si próprio... no cinema.



Jardel Filho é entusiasta de revistas especializadas em Teatro e Cinema. Não dispensa a leitura de «A CENA». Recebe as críticas com serenidade, que aliás sempre lhe foram favoráveis.



NO CAMARIM
Faz sua própria maquilagem

mavam o teatro acin
tudo, atuando sob a d
de competentes mestre
mo Ziembinski e Turk
vendo num meio on
cultuava o me
Jardel Filho rece
formação de ator
melhor "escola" ex ter
país. Seu enorme ta en
controu campo para s
senvolver e os fr o
formação e dêsse en
colhe, agora, qua o
nome é apontado po
soas abalizadas em
das em teatro, p
a medalha de ouro
da ao melhor ator de
mesmo ano em e
Costa faz "A Mor de
xeiro viajante" e rag
lo faz "Massacre".

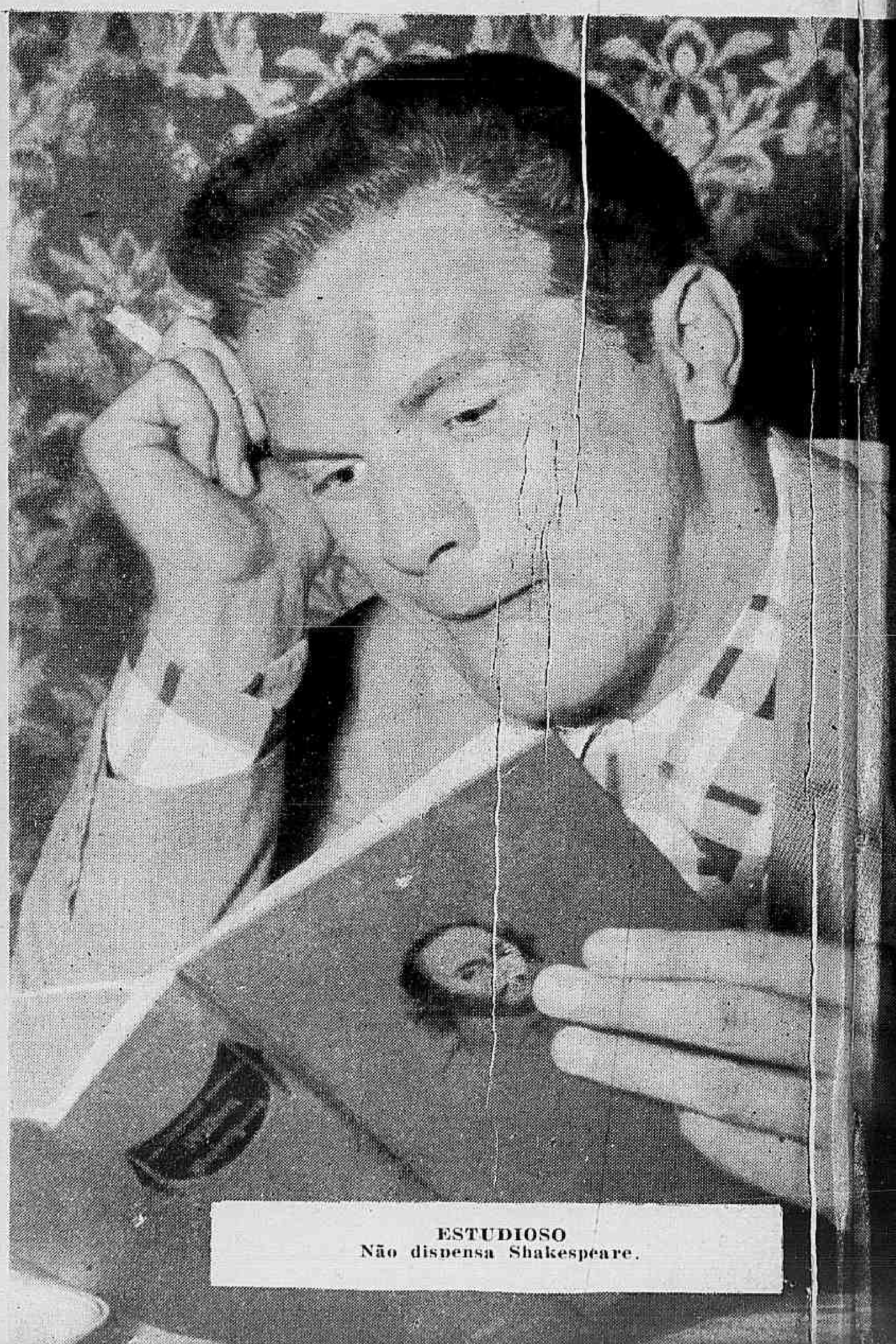
★

Com pouca idade,
tinha conseguido
Mas êle não é d qu
ram e ficam dorm do
os louros conquist os.
tinuou estudando om
co. Os estudos o
vãos. Foi convidad por
cina de Moraes a art
da Companhia do eat
Artes do Munic
de Janeiro, onde les
nhou papel salien na

O CINEMA ESPERA JARDEL FILHO



MACONHA?
Jardel compõe qualquer expressão.



ESTUDIOSO
Não dispensa Shakespeare.

acima de
a direção
estres, co-
Turkow, vi-
onde se
teatro,
uma
tro da
nte no
nto en-
se de-
dessa
nto, êle
o. seu
por pes-
entendi-
receber
oncedi-
de 51, no
Jayme
do cai-
aça Me-

e, Jardel
muito.
que pa-
do sôbre
os. Con-
om afin-
o foram
por Dul-
articipar
eatro de
do Rio
desempe-
na peça

de Gabriel D'Annunzio "A Filha de Iório", recebida pela crítica com expressões encomiásticas. A seguir, trabalhou no original de Maria Jacinta, "Já é manhã no mar...", que lhe valeu uma consagração. A Associação Brasileira de Críticos Teatrais lhe outorgou a medalha de ouro, concernente ao prêmio da maior revelação do ano. Para um rapaz que ainda não atingira a idade de vinte anos, já era atingir muito alto. Mas Jardel Filho queria mais. Estacionar, era uma palavra que não existia em seu dicionário.

★

Os êxitos se sucederam... Na companhia de Dulcina: "Chuva"... "Dona do mundo"... "Ana Cristina"... "Avatar"... "Águia de duas cabeças"... Na companhia de Bibi: "Senhora"... "Querida Ruth"... "Pequena Catarina"... "Divórcio"... "Hóspede em casa"... "Hipócrita"... "Beija-me e verás"... São Paulo... Paraná... Sta. Catarina... Rio Grande do Sul... Um mundo de sensações, de emoções novas, de coisas diferentes, de sucessos... A vida girando em tôrno dêle... Jardel galgando os degraus da fama... Tudo aconteceu assim... Vertiginosamente... Voluptuosamente...

★

Estacionar, era proibido. Progredir artìsticamente era a palavra de ordem. Os tempos passaram e Jardel Filho continuava aprimorando a sua arte de representar. Levando a sério a sua profissão. Fazendo do teatro o seu sacerdócio. Sua interpretação criteriosa em "Manequim" originou o convite para ser o primeiro ator da Companhia "Os Artistas Unidos", sob a direção de Henriette Morineau, onde interpretou um papel de dificil composição em "Complexo de meu marido". A seguir, fêz a comédia "Poltrona 47" e "Um cravo na lapela", onteve oportunidade de mostrar o seu grande talento. Contracenando com Morineau, Jardel Filho afirmou ser um bom ator, arrancando da platéia entusiasmada, calorosos aplausos. Não foi apenas um sucesso de público. A crítica unanimemente, fêz comentários elogio-

(Cont. na pág. 29)



O MELHOR ATOR DE 51?
Os críticos apontaram seu nome.


SURPREENDIDO
Boa expressão cinematográfica.


ESPORTIVO
Mente sã em corpo são.



Esta é uma cena de «Alice no País das Maravilhas», quando Alice «desce» pela toca do Coelho Branco.



Kathryn Beaumont é a pequena que serviu de modêlo a Disney para servir de guia aos desenhistas.

MODELOS HUMANOS PARA DESENHOS ANIMADOS

OS desenhos animados contemporâneos atingiram a quase perfeição. Mas isso graças a uma série de processos técnicos que vêm evoluindo de desenho para desenho, desde o processo do tecnicolor até o processo do "relêvo". Mas uma coisa que muita gente ignora é que os personagens desenhados são, geralmente, inspirados em tipos humanos. Isso porque, especialmente, nos estúdios de Disney, um determinado "personagem" é desenhado, durante a produção por vários desenhistas, pois, depois de sua criação, há que fazer a sua movimentação. Para isso, os tipos humanos, são filmados e projetados, posteriormente, facilitando assim aos desenhistas a perfeita animação de seus desenhos. Êsses filmes em carne-e-ôsso são o melhor guia que os desenhistas podem ter para que a semelhança de traços seja perfeita de um desenhista para outro. Ao mesmo tempo que a movimentação obedeça à mais completa fidelidade do personagem desenhado com o vivo. E é por essas e outras que os desenhos de Disney são impregnados de viva, tomam formas humanas, dando a perfeita impressão que seus movimentos são naturais e espontâneos.

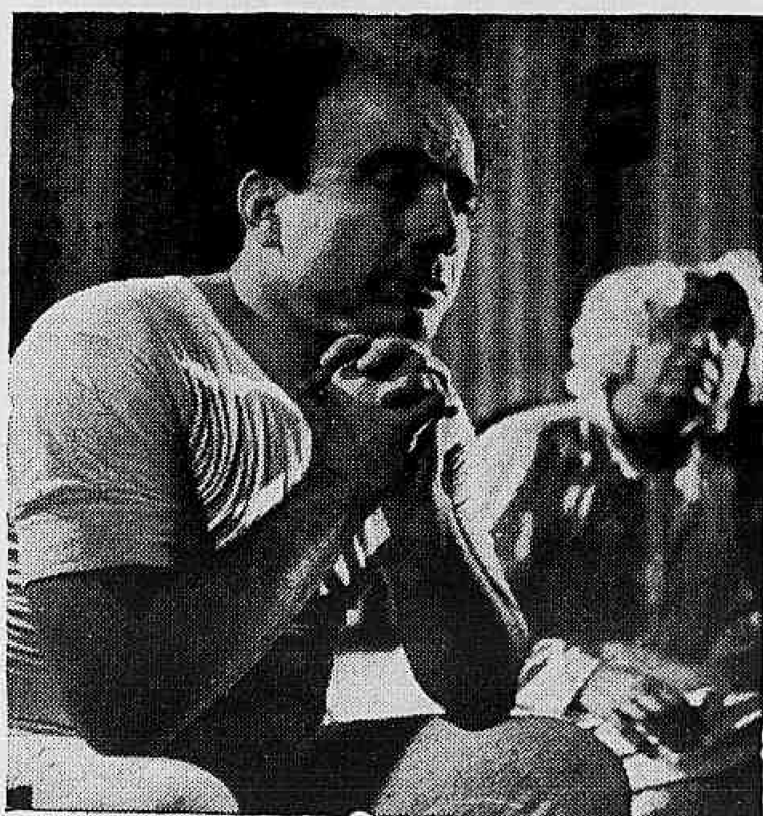


É DIFÍCIL FAZER RIR...

O CÔMICO NO CINEMA BRASILEIRO

TRADIÇÃO QUE É UMA TRAIÇÃO ★ OS GRANDES COMEDIANTES CLÁSSICOS DO CINEMA ★ CARLITOS E CANTINFLAS: DIFERENÇA ★ PROCÓPIO, ATOR QUE FAZ COMÉDIA; OSCARITO, BUFÃO ★ APROVEITAMENTO DE ELEMENTOS DO RÁDIO E DO TEATRO ★ PERSPECTIVAS DE ELIMINAÇÃO DA CHANCHADA.

SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA (Especial para A CENA)



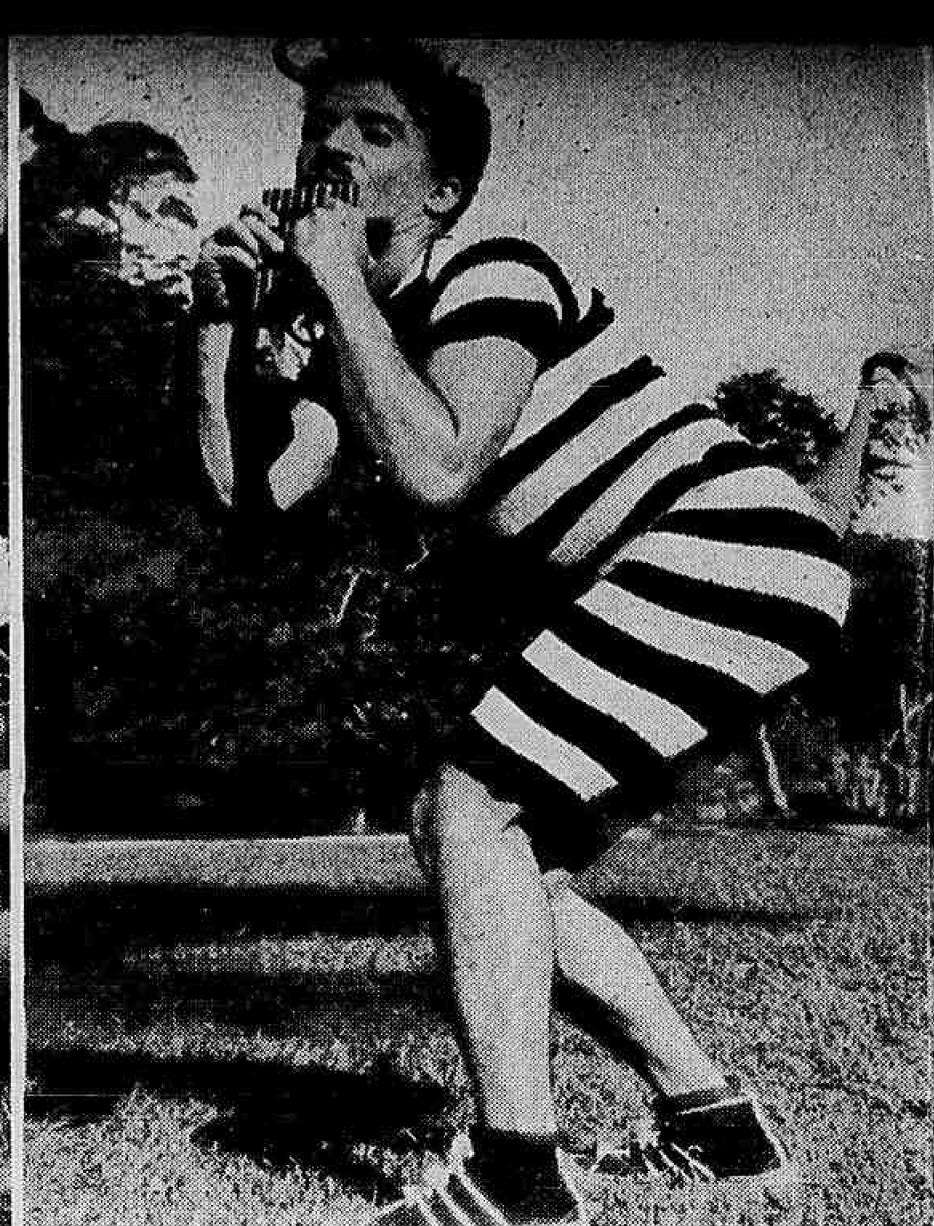
A comédia é uma tradição no cinema, na arte cinematográfica. Já não digo a comédia com tôda a pompa e a dignidade do gênero: Chaplin, Raimu, Louis Jouvet. Mas a comédia menor, o "slapstick", o pastelão: a turma de Mack Sennett, Harry Langdon, Chico Boia, Larrk Semon, Ben Turpin... Os grandes cômicos — humoristas, anedotistas que participam da própria anedota, da pilhéria visual ou oral, os cômicos do silencioso e os comediantes do sonoro, os "astros" das revistas, os gaiatos do disparate, Harold Lloyd, Eddie Cantor, Laurel & Hardy, Bob Hope, Red Skelton, Danny Kaye, os Irmãos Marx — muito contribuiram para arejar e descarregar o mundo, muito contribuiram e continuam contribuindo para que a alegria alivie os males da tristeza.

OSCARITO É APENAS OSCARITO

No Brasil, particularmente no cinema brasileiro, ainda não tivemos um comediante que constituisse, com dignidade, um tipo, uma figura a arrebatar, pela atuação imediata e pelo que do universalismo contivesse, as platéias populares e a elite intelectual capaz de nêle reconhecer o representante de uma classe, de uma casta, de uma situação — relativa e absoluta — ao menos. Não me venham citar Procópio Ferreira, por favor. E', certamente, um ator, um bom ator, um ator excelente. Mas um ator, sempre, não o intérprete fiel, constante, de um tipo, nã.o a personalidade de um indivíduo, de um homem, de um representante objetivo de um grupo social com as suas recriminações ou o seu conformismo, com o seu espírito de luta ativo ou o cadinho de experiência, a retorta de infelicidades contínuas...

Significará isso que não temos comediantes, razoáveis comediantes de cinema? Não, não significa. Sòmente até agora a comédia — em sua límpida expressão — tem constituido "traição"





em vez de "tradição" no cinema brasileiro. Não vamos discutir os fatores, as causas determinantes do fenômeno. O suficiente é a sua constatação, a prova de sua existência. O próprio Cantinflas, mexicano, nem pode ser colocado à altura de um Chaplin, de um Buter Keaton, mesmo de um Max Linder, mas é, certamente, mais humano em suas reações, mais francamente engraçado — dessa graça nascida com a inspiração inteligente — do que Abbott & Costello, por exemplo. Representa um tipo definido, acabado, e no entanto ilimitadc em suas aventuras no mundo das inconsequências, muitas vêzes consequentes... Pois bem: o nosso Oscarito, o representante melhor da comédia cinematográfica brasileira, ainda não constitui e creio que jamais constituirá êsse tipo, êsse elemento que representasse nacionalmente na forma, e universalmente na essência, o correspondente de Carlitos.

MÁS INFLUÊNCIAS NA COMÉDIA BRASILEIRA

Todavia, fazemos comédia, o pior tipo de comédia. A ausência de um tipo não nos impede de criar genuina comédia cinematográfica, como não impediu aos ianques a criação da chamada "sophisticated comedy", aos franceses, aos britânicos, aos soviéticos: a comédia de costumes — e nesse ponto o teatro clássico brasileiro é fértil —, a farsa, a sátira (que René Clair elevou a alturas inatingidas por cinemas de outras nações). O que se chama no Brasil comédia cinematográfica é a pura "chanchada", é o disparate vulgar combinado a um pouco de sexo e de frases de duplo sentido. Influência do baixo teatro, da







burleta e do radiologismo mais ruim. Que do rádio e do teatro é que têm vindo os nossos cômicos: e nisso não vai nenhuma censura à indústria, isto é, no manancial onde colhem os elementos para uso nos filmes, pois o fenômeno é internacional. Hollywood vai buscar na Broadway ou nas estações de Los Angeles e Nova York os seus comediantes de cinema, desde o aparecimento do som. Que a formação típica, essencialmente cinematográfica, há tempos que desapareceu, teve fim com a própria alteração da estrutura narrativa dos filmes, com o aparecimento do cinema falado. E mesmo no cinema clássico, nem todos nasceram no próprio estúdio: Chaplin veio do teatro de variedades, do music-hall; Buster Keaton veio do circo. O que não impediu que ràpidamente ambos se compenetrassem de que trabalhavam com um novo meio de expressão e a êle se adaptassem, contribuindo mesmo para o seu desenvolvimento como forma de manifestação artística.

ATUALIDADE E FUTURO

A alta-comédia, a comédia elegante, não existe no cinema brasileiro. O mal costume generalizou-se, o têrmo "comédia" se reduziu, se encaracolou como marisco na cabeça dos produtores e realizadores locais. A ponto de, conforme me dizia uma interessante atriz do nosso cinema, um dia dêstes, ser impossível a qualquer ator ou atriz que se preze aceitar de bom grado a incumbência de viver, de interpretar, de "estrelar" uma comédia porque não lhe dão senão papéis imbecís em chanchadas, também, cretiníssimas.

Os realizadores, incapazes, alegam dar ao público o que o publico quer. E a cômicos de certas possibilidades entregam

(Cont. na pág. 29)



PROBLEMAS HUMANOS

Dr. LUÍS FRAGA

À LUZ DA PSICANÁLISE

HELOISA E AS DESIGUALDADES SOCIAIS

A nossa palestra de hoje foge um pouco aos hábitos que nos impusemos, o de conversar em linguagem simples, terra-à-terra, com os leitores de todos os níveis, buscando sempre auxiliar aos que necessitem de nós, para a solução de seus problemas. E' que recebemos a visita duma estudante que reside em São Paulo e que veiu especialmente para fazer uma consulta especializada.

A sociedade é um terreno movediço sôbre o qual os homens se têm esforçado por viver, com os seus problemas, paixões e rivalidades individuais; uns procurando vencer e, a maioria, procurando derrotar os seus companheiros.

Heloisa é aluna da Faculdade de Filosofia e estuda ciências sociais. Moça inteligente e estudiosa, é uma espécie de ratinho de biblioteca, devorando trabalhos de escritores antigos e modernos, em busca da intrincada solução das questões sociais. De tal modo se tem preocupado com êsses problemas que já se julga possuida de complexos.

HELOISA — Vivo a pensar no dramalhão da sociedade. As interrogações sucedem-se em meu espírito, a ponto de me deixar meio confusa.

MÉDICO — Veja o drama como uma espectadora, num teatro de tudo o que se tem estabelecido sôbre as paixões humanas.

HELOISA — Preocupa-me a questão racial...

MÉDICO — E' uma cousa morta, estagnada. A pigmentação da pele perdeu o seu predomínio; foi preterida pelo espírito.

HELOISA — Continue, doutor, esta explicação está me fazendo bem...

MÉDICO — ... Começamos uma nova peça, com novos atores, concentrando tôda a sua paixão naquelas possibilidades evanescentes do fato que ainda oscile na balança do destino...

HELOISA — ... na balança do destino?...

MÉDICO — ... com a única percepção que nos é permitida, das próprias unidades atuantes, de cuja ação diferenciadora os substratos raciais formam apenas a soma estagnante.

HELOISA — Compreendo doutor, e a função dos homens superiores?

MÉDICO — Dêles depende a grandeza da nação. Um estadista é tão superior quanto um capitão de indústria, num regime trabalhista. Os artistas, os poetas, e os religiosos formam, igualmente, a equipe dêsses homens.

HELOISA — E os gênios?

MÉDICO — São os fermentos, como os classifica James; quando êles vêm juntos, como tem sucedido em certas épocas, tôda a população parece parrilhar da alta energia que êles desprendem. Os efeitos são penetrantes e importantíssimos.

HELOISA — O doutor falou em poetas... nesta época, na era trabalhista?

MÉDICO — O mundo não dispensa a contribuição dos poetas. Êles despertam os espíritos que se podem materializar na mecanização progressista. Êles estimulam os tímidos e eternizam as glórias.

Vá, Heloisa, continue os estudos. Pesquise, leia, mas não se preocupe com o destino dos povos. A evolução se fará lentamente. Tudo acabará bem.

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção, deverão ser endereçados para:

Dr. LUÍS FRAGA

Redação de A CENA

Rua Visconde Maranguape, 15

Seção "Problemas Humanos"

Rio de Janeiro

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo. ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba Liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de de Música de São Paulo.



Mary Anderson

(20th. Century-Fox)

COLUNA DO FÃ

Regiões do Cinema

Ney Guimarães

EM têrmos cinematográficos, Santos se distancia de São Paulo bem mais do que de fato está territorialmente separada da capital do Estado. E' a conclusão a que chegamos, com amargura e certa revolta, depois de acompanharmos atentamente o movimento cinematográfico em nossa terra, nos últimos anos.

Para começarmos, é muito diferente, apresentando profundo contraste, oferecer e dar ao povo o que êle quer do que lhe propiciar o de que necessita. Isso acontece com tudo, e naturalmente não poderia estar ausente essa regra no que diz respeito ao cinema.

Cidade populosa, a nona do país, nesse particular conforme demonstraram as cifras do último recenseamento realizado, pôrto considerado pelo seu grande movimento de trabalho e de rendimento alfandegário, metrópole hospitaleira e sempre pronta a dar acolhida, apoio e ajuda às campanhas beneficentes, nascidas aqui e fora do seu círculo, não merece a menor atenção como grande apreciadora que é do cinema.

O público e as receitas são sempre certos. Qualquer filme que seja apresentado alcança lucro compensador, sem necessidade de propaganda.

No entanto, a situação não é nada favorável para o nosso público.

Não conseguimos apurar o número de filmes exibidos em São Paulo em 1950, mas o nosso registro, referente a Santos, excluidos os celulóides sem categoria, de motivos do oeste e de mistério, produzidos em sua totalidade nos Estados Unidos, acusa a soma de 363. Dêsse total, 251 são produções dos estúdios norte-americanos, na seguinte distribuição:

Allied Artists	3
Columbia	23
Eagle-Lion	7
Metro-Goldwyn-Mayer	30
Monogram	7
Paramount	26
R.K.O.-Radio	42
Republic	6
20th. Century-Fox	35
United Artists	11
Universal-Internacional	24
Warner Brothers	31
Diversos	6

São muitas as cidades do interior do Estado que exibem filmes antes de Santos. Sem nos mostrar exigentes, pensamos que dois meses deveria ser o espaço de tempo máximo para chegar a Santos uma película, depois de apresentada em São Paulo. A nossa cidade ainda não viu os filmes "Stromboli" e "O preço de uma vida". No dia 11 de outubro, em Bragança, foi exibido o filme de Roberto Rosselini e Ingrid Bergman, e, pasmem todos os santistas, — no dia 7 de outubro o povo de Atibaia assistiu à película dirigida por Edward Dmytrick! Acreditamos que se localidades de pequena população como Maracanã e Iara (não aceito o seu atual nome) também possuissem cinema, certo que seriam primeiras exibidoras que Santos, cidade importante, sem dúvida, em muitos aspectos, mas não no que refere à cinematografia, pelo desprezo e desinterêsse que lhe manifestam os donos de emprêsas.

O quadro abaixo demonstra a desatenção dos exibidores por apresentar ao nosso público os filmes em boas condições e levando em consideração o interêsse que aqui dispensamos ao cinema.

NOME DO FILME	*Procedência ou Marca*	*Lançamento em São Paulo em*		*Exibição em Santos em*		*Tempo decorrido*
Perdidos na escuridão	Itália	jan.	1950	maio	1951	16 meses
Coroa de Ferro	Itália	nov.	1950	nov.	1951	12 "
Mulher do cáis	México	agôsto	1950	agôsto	1951	12 "
Desventurada	México	junho	1950	junho	1951	12 "
O homem da luva cinzenta	Itália	agôsto	1950	agôsto	1951	12 "
O Guaraní	Itália	maio	1950	agôsto	1951	15 "
Torturada	Inglaterra	out.	1950	junho	1951	8 "
Tragédia nos Alpes.	Inglaterra	julho	1950	juho	1951	12 "
Sangue de Campeão.	M.G.M.	fev.	1950	junho	1951	16 "
A Glória de Amar.	M.G.M.	dez.	1950	agôsto	1951	8 "
O Papai da Noiva.	M.G.M.	dez.	1950	nov.	1951	11 "
Zona Proibida	Paramount	unho	1950	junho	1951	12 "
O Pecado de Amar.	Paramount	agôsto	1950	julho	1951	11 "
Sansão e Dalila	Paramount	abril	1951	nov.	1951	7 "
Legião Invencível	R.K.O.-Radio	junho	1950	maio	1951	11 "
Roseanna	R.K.O.-Radio	agôsto	1950	julho	1951	11 "
Tormento de uma glória	R.K.O.-Radio	março	1950	julho	1951	16 "
Quero êsse homem!.	R.K.O.-Radio	maio	1950	agôsto	1951	15 "
Uma vida marcada.	Century-Fox	fev.	1950	junho	1951	16 "
A Rosa Negra	Century-Fox	set.	1950	julho	1951	10 "
O Gênio vai para a escola	Century-Fox	agôsto	1950	agôsto	1951	12 "
O Lutador	Century-Fox	junho	1950	nov.	1951	17 "
Pecadores dos mares do sul	Universal	agôsto	1950	unho	1951	10 "
Pavor nos bastidores.	Warner Bros.	jan.	1951	agôsto	1951	7 "
À Margem da Vida.	Warner Bros.	jan.	1951	nov.	1951	10 "

Não existe motivo que justifique êsse atraso, mesmo se formos a uma das fontes de produção, aos estúdios norte-americanos, que lançaram, de março a setembro, 109 filmes, na seguinte distribuição mensal:

Março	16	filmes
Abril	12	"
Maio	16	"
Junho	14	"
Julho	13	"
Agôsto	19	"
Setembro	19	"

Outro ponto sério a considerar são as reprises. Nem sempre são oportunas e muitas não têm a menor significação. Em 1950 tivemos um total de 29 reprises, sendo 27 de filmes norte-americanos, 1 mexicano e 1 francês. Apreciamos, por exemplo, a volta de "Os Melhores Anos de Nossa Vida", "A Estranha Passageira" e "Sargento York", mas julgamos completamente destituidos de interêsse os lançamentos com êsse caráter de "Princêsa das Selvas", "Se eu fôra rei", "A Companheira de Tarzan", "Pecadora", "Buffalo Bill", "A Sedução de Marrocos" e "Shangai". Um filme de Alan Ladd e uma aventura de Tarzan não devem merecer reprise.

No que corresponde a êsse particular não melhoramos êste ano, isto por que no período já percorrido tivemos 35 reprises. E' um número bastante elevado, abusivo mesmo, principalmente quando tôda a programação se encontra em atraso e a qualidade das reprises não se recomenda. Tivemos novamente em nossas telas "King Kong", "Imãos em armas", "O Gavião do Mar", "As mil e uma noites", "Tarzan e as Amazonas", "Ali Babá e os 40 ladrões" e "O despertar do mundo". Que valor apresentam todos êsses filmes?

Poucas, e selecionadas com especial cuidado, deveriam ser as reprises. Porque o atraso se faz cada mês mais acentuado. Já pelo desinterêsse e já, também, pelo número de filmes exibidos aqui e em São Paulo. Nos quatro últimos meses o movimento, entre nós e na capital, acusou o seguinte:

Agôsto

São Paulo	46	filmes
Santos	35	"

Setembro

São Paulo	37	filmes
Santos	33	"

Outubro

São Paulo	41	filmes
Santos	36	"

Novembro

São Paulo	36	filmes
Santos	33	"

No movimento dêsses meses foram apresentados, em São Paulo, filmes, num total de 160, das seguintes procedências:

Brasil	6
Argentina	1
México	11
França	6
Inglaterra	15
Itália	10
Rússia	2
Suécia	3
Estados Unidos	106

Nesta cidade, o movimento no mesmo período compreendeu um total de 137 filmes das seguintes procedências:

Brasil	6
Argentina	1
México	4
Espanha	2
Inglaterra	8
Itália	10
Portugal	1
Estados Unidos	105

Como bem vemos, mensalmente São Paulo apresenta maior número de filmes, o que dá motivo a que aumente sempre mais o atraso.

Nas condições em que a situação se apresenta, e desde que os exibidores não têm nenhum propósito em anular a apresentação de filmes de segunda linha, porque o aluguel é conveniente e os seus lançamentos proporcionam bom lucro, só com grande demora assistiremos a várias películas, já a esta altura, é preciso dizer, bem retardadas na sua apresentação entre nós como se verá no quadro abaixo:

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

NOME DO FILME	Procedência ou Marca	Lançamento em São Paulo em
Estrêla da Manhã	Brasil	24/ 8/1950
Três Almas que Sofrem	Argentina	24/ 9/1950
Dança do Fogo	Argentina	28/ 6/1951
Cinco rostos de mulher	México	12/ 2/1950
Coração Torturado	México	12/ 3/1950
O Morcêgo	Alemanha	25/ 3/1950
Hotel Clandestino	França	3/ 4/1950
Os Amantes de Verona	França	24/ 7/1950
Em qualquer parte da Europa.	Hungria	26/ 4/1950
Mulheres sem nome	Hungria	18/ 6/1951
Henrique V	Inglaterra	15/11/1950
Os Noivos	Itália	12/ 3/1950
Sem Piedade	Itália	17/12/1950
O Sentenciado	Columbia	7/ 4/1951
O Insaciável	Eagle-Lion	8/ 3/1950
A Sombra da Guilhotina	Eagle-Lion	22/ 3/1951
Mundos Opostos	M.G.M.	27/ 7/1950
O Segrêdo das Jóias	M.G.M.	26/10/1950
Crepúsculo dos Deuses	Paramount	11/ 4/1951
A Confissão de Thelma	Paramount	4/10/1950
Duas vidas se encontram	R.K.O.-Radio	18/ 9/1950
Stromboli	R.K.O.-Radio	9/10/1950
Cada vida... seu destino	R.K.O.-Radio	29/11/1950
Almas em Chamas	Century-Fox	14/ 3/1951
A Comédia da Vida	Century-Fox	14/ 3/1951
Memórias de um Médico	United Artists	25/ 1/1951
Almas Abandonadas	Universal-Internacional	4/ 1/1950
Viciada	Universal-Internacional	1/ 3/1950
Os desgraçados não choram ..	Warner Bros.	21/ 2/1951

Podiam constar outros filmes dêste quadro, mas os que nêle figuram demonstram suficientemente a presente situação. Deixamos também de incluir no quadro outros filmes franceses pela razão muito simples de que não vemos nenhuma perspectiva favorável para a produção da França por parte dos nossos exibidores. Salvo raras exceções. Porque em 1950 foram apresentados três filmes procedentes dos estúdios franceses, "Antônio e Antonieta", de Jacques Becker; "Os dois irmãos", de André Cayatte; e a reprise de "Hara-Kiri". E êste ano apenas dois filmes, "Tormentos de um Desejo" e "O Feiticeiro do Céu". Nessas circunstâncias, continuaremos a assistir aos celulóides vindos da França através das exibições do Clube de Cinema, que já nos apresentou, entre outros, "Sombra do Pavor", de Henri-Georges Clouzot, "Pânico", de Julien Duvivier; "O Eterno Marido", de Pierre Billon; "Mãos Vermelhas", de Jacques Becker; "Sinfonia Pastoral", de Jean Delannoy, grande sucesso dos estúdios francêses, um filme "clássico"; "Os Visitantes da Noite", de Marcel Carné; e o maior espetáculo de cinema que vimos nos dois últimos anos, "O Boulevard do Crime" (Les Enfants du Paradis), filme que indica perfeitamente, da parte do seu criador, o diretor Marcel Carné, um senso artístico elevado ao mais alto grau, por isso que as cenas plenas de beleza são abundantes e fazem da película uma produção da mais alta qualidade. O público de Santos que aprecia cinema de verdade merecia ver êsse filme, como também "Sinfonia Pastoral".

Diante da exposição feita, a nossa situação cinematográfica é bastante desfavorável e as perspectivas não se apresentam nada animadoras.

O CINEMA ESPERA...

(Cont. da pág. 19)

sos ao seu trabalho e alguns críticos chegaram a lançar a sua candidatura para o prêmio de melhor ator do ano.

★

Chegamos ao ponto culminante de nossa reportagem... Por que êsse excelente ator de teatro, de físico perfeito, de rosto expressivo, de máscara maleável e de irrepreensível dicção ainda não entrou para o cinema? Por que? Não se compreende que o cinema nacional, carecendo de bons elementos humanos, prescinda da colaboração de bons atores. Dizer que é de teatro, não tem cabimento, pois quase todos os grandes atores do cinema americano, fizeram um longo estágio na Broadway. Talvez o nível do cinema brasileiro ainda não permita a intromissão de bons valores teatrais, por continuar numa fase de improvisação. Mas esta fase está passando. Ràpidamente, felizmente... A depuração começou em S. Paulo e já está atingindo os estúdios do Rio. Quando a depuração se totalizar, poderemos afirmar categòricamente:

O cinema espera Jardel Filho!

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS

OS DOIS LADOS . . .

(Cont. da pág. 16)

Dirige-se depois à casa do rio e, após conversar com Giussepe, um dos criados da casa e encontrar ali um martelo, Jeff fica certo de que fôra Bárbara quem trocara as taboletas na estrada. Em seguida êle ouve Gene e Bárbara chegando. Notifica à polícia sôbre a sua descoberta e sai para aguardar a chegada dos policiais.

Giussepe aparece então em cena e, na presença de Gene, incrimina Bárbara. Gene sabendo agora que Bárbara conduzira o seu espôso à morte, deixa-a chorando e sai enfrentando a chuva que cai torrencialmente. Bárbara, desesperada e fora de si, apanha uma espingarda de caça e atira contra Gene matando-o instantaneamente.

O CÔMICO NO CINEMA . . .

(Cont. da pág. 23)

papéis ultrajantes, velhacos, que não oferecem a mínima oportunidade para a amostra de suas qualidades histriônicas. Os "scripts" são péssimos, mas na maioria dos casos os filmes nem "scripts" têm. E o bufão — que de bufões estamos fartos — improvisa muito mal uma gracinha, balbucia pilhérias pornográficas ou aproveita a gíria do momento...

Oscarito, Grande Otelo, Manoel Vieira, Darcy Cazarré, Mesquitinha, Modesto de Souza, U. Catalano, Pedro Dias, Antônio Spina, Totó, Colé Santana, Badu, Jararaca & Ratinho, Alvarenga & Ranchinho, Jackson de Souza, Silva Filho são alguns dos elementos de rádio e teatro aproveitados com certa regularidade pelo cinema brasileiro. Quantos dêles criarão raizes como elementos "de cinema", quantos e quais conseguirão permanecer como artistas "de cinema", identificados como cômicos "de cinema"? E' difícil prever, como é difícil prever se teremos, mais cedo ou mais tarde, uma equipe formada nos estúdios de cinema, ou se o rádio e o teatro darão ainda elementos que, pelo menos, sejam capazes de assegurar artìsticamente a comicidade natural — e não forçada — de um Skelton, de um Olsen & Johnson... Pelo menos. Porque, no caminho em que vamos, será de Abbot & Costello para pior... para os Totós e Macários italianos!...

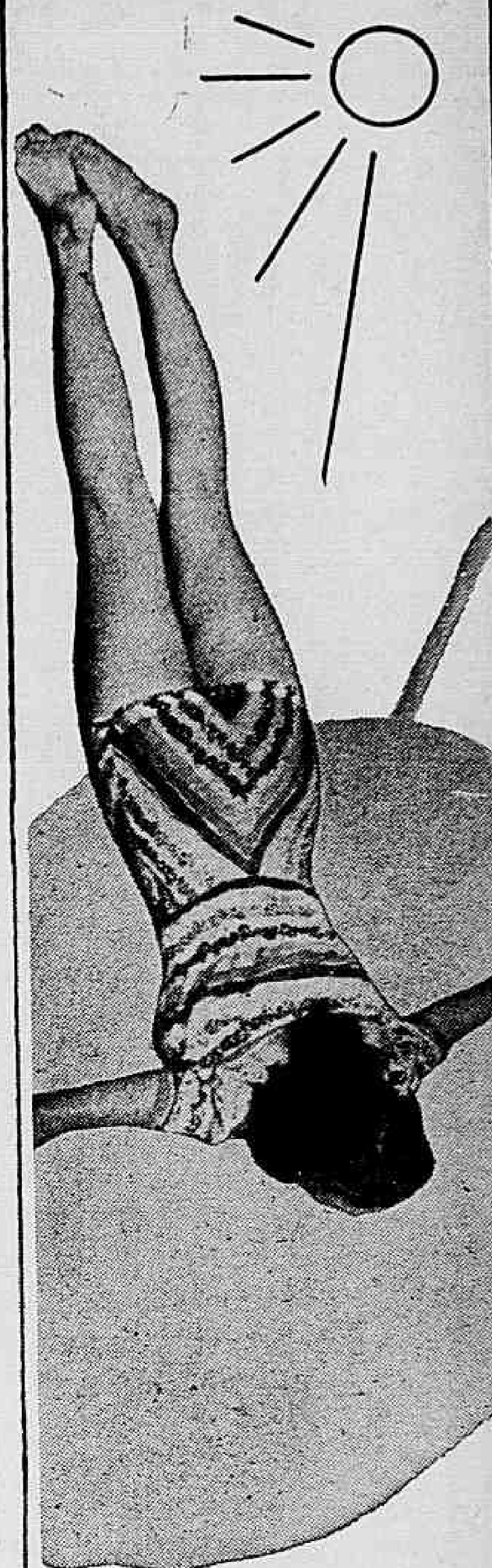
AS "TRUCAGENS" . . .

(Cont. da pág. 34)

tal num automóvel para deixar ver como funciona o seu motor.

Seja como fôr, a trucagem pela simples trucagem, morreu e muito mais do que para tornar sensível aquilo que não existe, é para reforçar a realidade do que nos é mostrado que recorremos hoje a êsse recurso. Êste indiscutível progresso foi facilitodo por uma máquina imaginada, desde 1926, pelo operador francês L.H. Burel e seu amigo Debain: pela operadora ótica chamada "Truca" confeccionada pelo construtor francês André Débrie e que permite tôdas as trucagens óticas imagináveis desde aquela graça à qual uma cena rodada ao meio dia dá a ilusão que se desenrolou à noite, até o retoque e a supressão, insuspeitáveis, um e outra, de certas imagens no meio de uma cena.

Que a "Truca" seja a mais preciosa colaboradora do Cinema criador e proporcionador de ilusões, não podemos duvidar depois de ter lido com prazer e interêsse êste volume, no qual da primeira à útima página o sr. Maurice Bessy faz com que o profano passeie pelos bastidores da tela, tão férteis em amáveis mistérios.



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

O QUE VAI PELA BROADWAY

JACKSON FLORES

NEW YORK — Depois de uma ausência de quase 5 meses, motivada por uma viagem a Buenos Aires e uma curtíssima estadia de duas semanas no Rio para matar as saudades, aqui estou de novo em New York para contar a vocês "o que vai pela Broadway".

Durante a minha ausência, a Broadway andou agitadíssima com a estréa de superproduções, tais como "Showboat", "David and Betsheba e "Quo Vadis", esta última ainda em exibição nos cinemas Capitol e Astor. Essa dispendiosa produção em tecnicolor, da Metro-Goldwyn-Mayer e estrelado por Robert Taylor e Deborah Kerr, mereceu a minha urgente preferência entre os numerosos filmes em exibição esta semana. A transposição dêsse clássico da literatura mundial para a tela foi integral e a suntuosidade dos cenários faz-me crer na publicidade da Metro, que alega haver essa produção custado 7 milhões de dólares. Diante da grandiosidade dos cenários, da movimentação de milhares de extras diante das câmaras e da ferocidade de algumas dezenas de leões durante o trucidamento dos cristãos, a gente fica sem saber se os arrebatamentos paranóicos de Nero, interpretado por Justis Estinov, é caso para refletirmos sôbre a arte dramática ou de estourarmos numa gargalhada. Robert Taylor no papel de Marcus Vinicius e Debora Kerr interpretando Lygia, não causam nenhuma impressão especial e Leo Genn na caracterização de Petronius, é o que parece sentir-se mais a vontade. O colorido é excelente, o acompanhamento musical é inexpressivo e Mervin Le Roy na direção, é bastante fraco e superficial. Assim mesmo, êsse é um espetáculo para as multidões e dever constituir-se em sucesso de bilheteria.

★

Com "Sansão e Dalila" e "Quo Vadis" no mercado, a Twenty Ceitury Fox não poderia deixar de fazer a sua incursão pela bíblia e de lá extrair "David and Betsheba", também em tecnicolor, e que foi estreado no cinema Roxy. Gregory Peck e Susan Hayward estrelam essa produção que, por sinal, é a mais fraca e pobre dos recentes filmes baseados em episódios bíblicos. Excessivamente dialogado e pouco movimentado, "David and Betsheba" sòmente tem a seu crédito o excelente trabalho de Gregory Peck.

★

"Across the wide Missouri", da Metro, e estrelado por Clark Gable, é mais uma película dos tempos da colonização do oeste americano, em que o inevitável conflito dos brancos com os índios, serve de base para o argumento. Sendo, porém, um filme estrelado por Clark Gable, a história aqui se repete em tecnicolor, com algumas variantes e, principalmente, com Ricardo Montalban liderando um grupo de ferozes peles-vermelhas. Ainda vestidos de índios aparecem o excelente J. Carrol Nash e o veterano Jack Holt. Clark Gable interpreta satisfatòriamente o seu papel e apaixona-se por Elena Maria Marques, recentemente importada do México. O elenco está todo muito bem ajustado, mas é Adolphe Menjou, no papel de um caçador canadense, que melhor impressiona.

Entre a toga do romano e a tanga do pele vermelha, deixo ao critério do leitor selecionar a indumentária. Recomendo, porém, que assistam a ambos os filmes, isto é, a "Quo Vadis" e "Acros the wide Missouri", porque se constituem em diversão de primeira.

★

Os jornais locais andam cheios de notícias sensacionais que envolvem algumas figuras importantes de Hollywood e da Broadway. Na côrte desta cidade, Tallulah Bankhead, famosíssima atriz dos palcos novaiorquinos e estrêla de algumas películas de Hollywood, está sendo processada por sua governanta-secretária, por falta de pagamento de salários. Êsse processo tem revelado algumas cousas bastante desagradáveis para "La Bankhead", pois, a sra. Cronin, governanta-secretária, acusa a conhecida atriz de ser viciada no uso da marijuana e de, inclusive, comprar sexo. Essas revelações, como é de se supor, tem provocado um sem número de comentários e o processo segue na côrte de New York, com Tallulah Bankhead acusando a sua governanta de lhe haver roubado em alguns milhares de dólares.

Outro caso que ocupou os cabeçalhos dos jornais aqui, foi a tentativa de assassinato do qual foi vítima o agente Jenni Jang, por parte do conhecido produtor Walter Wanger. O produtor que é casado com a atriz cinematográfica Joan Benett, num acesso de ciúme disparou 3 vêzes contra Jang, que é o agente de Joan Benett. Jenni Jang que recebeu ferimentos leves, continua no hospital em tratamento.

★

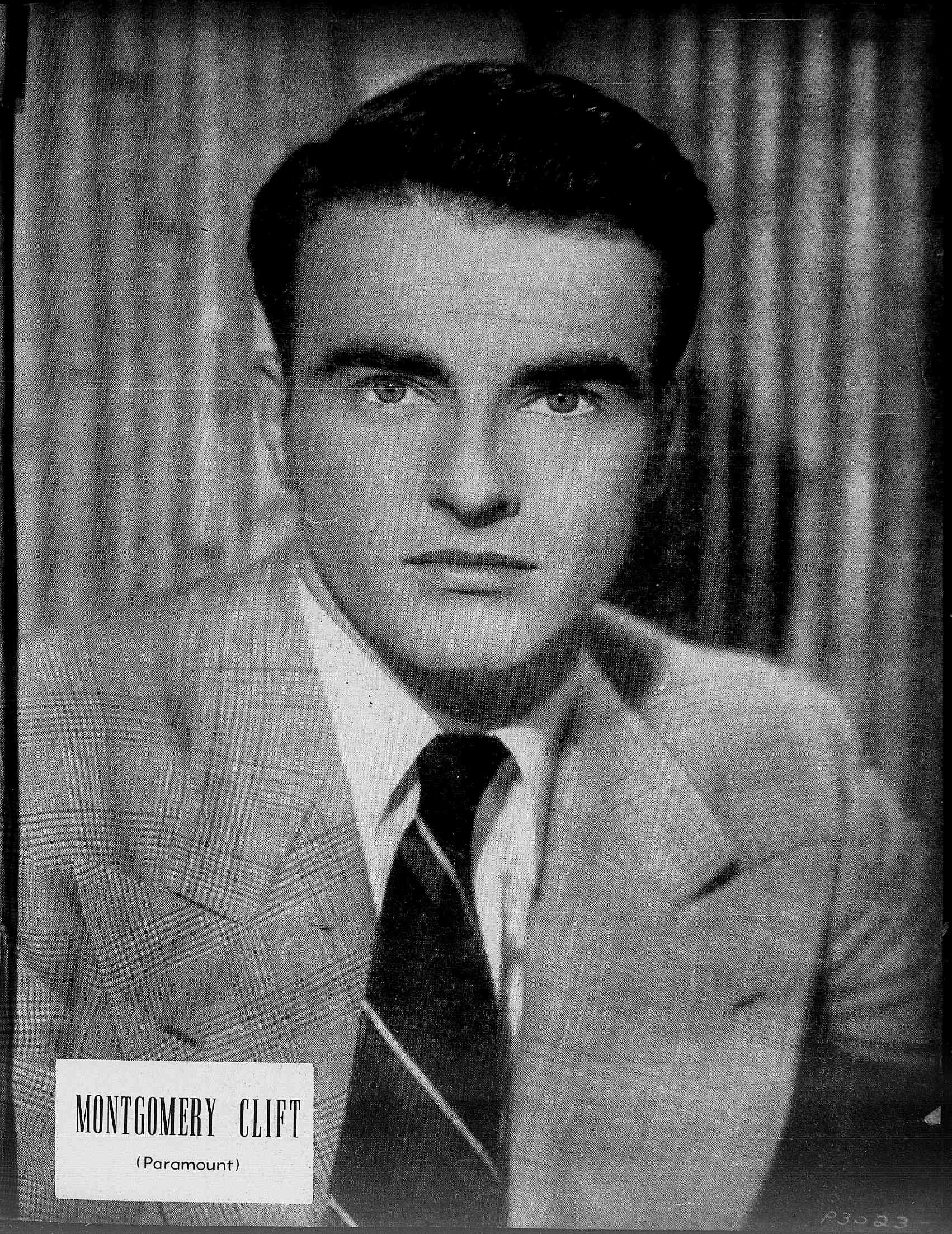
Judy Garland que tentou o suicídio por duas vêzes e que teve inúmeras brigas com a Metro Goldwyn Mayer, até ser dispensada, tem provocado os comentários mais entusiastas, desde a sua estréia no show do palco do cinema Palace, na Broadway. Judy que, por suas próprias mãos, parecia haver dado um fim a sua carreira, encontra-se há cêrca de 3 meses no show do cinema Palace, no que os críticos afirmam ser "a mais sensacional reentrée de 1951".

★

Deixando de lado o sensacionalismo dos jornais, sôbre os episódios trágicos das celebridades de Hollywood e Broadway, quero lhes falar agora sôbre um filme musical que tem a minha recomendação incondicional. Trata-se de "An American in Paris", produção colorida da Metro Goldwyn Mayer, com Gene Kelly e Leslie Caron. A música do filme é do inesquecível George Gerswhin e que, inclusive, leva o título de uma das mais conhecidas peças dêsse falecido compositor e que é "An American in Paris", executada e dansada por Gene Kelly e Leslie Caron, durante o transcurso da película. O filme tem boa música, bons números de dansa, tem comicidade fornecida pelo irreverente Oscar Levant e a excelente direção de Vincent Minelli. Gene Kelly que, além de ser um dos grandes bailarinos da atualidade, é um artista de excelentes recursos dramáticos e cômicos, tem na novata Leslie Caron uma exímia e graciosa "partenaire". "An American in Paris" é um espetáculo musical de primeira qualidade e que recomendo aos leitores.

★

"The Desert Fox" que é a vida do general alemão Erwin Von Rommel, antes e depois de ter sido produzida pela 20th Century Fox, recebeu severas críticas, devido a aureola de glória que o autor da história, o general inglês Desmond, tributa ao gênio guerreiro de Rommel. Apesar da tentativa de boicote no dia da estréia, essa película estrelada por James Mason, foi, afinal, lançada no cinema Roxy. "The Desert Fox", além de algumas boas cenas da guerra na África, revela alguns pormenores da vida íntima e dos problemas do general Rommel, contadas por sua viúva ao autor do livro. James Mason desempenha-se satisfatòriamente do seu papel e o filme conta com a segura direção de Henry Hathaway.



MONTGOMERY CLIFT

(Paramount)



O MOMENTO MÁGICO

O «Magic Moment», como dizem os americanos, é quando uma moça vai ser beijada pela primeira vez num filme, pelo galã. E é justamente nessa situação que se encontra Jane Russell, ao se defrontar com a primeira declaração de Victor Mature em «The Las Vegas Story», um violento drama da R.K.O. Pelo jeito de ambos, parece ate que vai sair faisca. Duvidam? Então encostem os lábios nos de Jane Russell e depois nos digam se não sentiram um choque...

MELODIAS PARA VOCÊ

PARA O CARNAVAL DE 1952

GARÔTA SAPECA

Marcha de Aldacir Louro e Fernando Martins. — Gravação de Gilberto Alves

Lá na rua onde eu moro
Tem uma garôta
Que é muito sapeca
Passa as noites namorando
Até de madrugada
Um velho careca
Eu fico trepado no muro
Vendo os dois se beijando
Sòzinho no escuro.

Ai... que garôta
Tão boa, infernal
Bonita, formosa
No mundo não há outra igual.

★

NÃO QUERO MAIS VOCÊ

Samba de Arnaldo Passos e Geraldo Pereira. — Gravação de Roberto Paiva

Me deixa em paz
Não quero mais lhe ver
Você me fêz chorar
Você me fêz sofrer
(Já cansei de penar)

Seu corpo, eu sei, outro abraçou
Seu rosto, eu sei, outro beijou
Minha mágoa é maior porque...
Eu só amava você...
(Já cansei de sofrer)

★

NOS BRAÇOS DÊLE

Batucada de Paulo Tapajós e Nelson Gonçalves. — Gravação de As Moreninhas

Eu quero me acabar
Nos braços dêle
Até o dia clarear.

Bate o bombo
E o tamborim
Não deixa o samba esfriar
Vou pular até sentir
O meu corpo cansado
De sambar

(Vou me acabar)

NOS BRAÇOS DE ISABEL

Samba de Silvio Caldas e Jossé Jerdice. — Gravação de Silvio Caldas

I

Nos braços de Isabel eu sou mais homem
Nos braços de Isabel eu sou um Deus
Os braços de Isabel são um confôrto
Quando deixo o cais do pôrto
P'ra viver os sonhos meus.

II

Ontem Isabel me libertou
Da escravidão e da dor
Hoje Isabel é minha libertação
No amor
Salve a princesa Isabel
Que quebrou minhas algemas
Salve a princesa Isabel
Que resolveu o meu problema.

★

FECHEI A PÁGINA

Marcha de Ari Barroso. — Gravação de Zaira Rodrigues

Com você figurinha
Fechei, fechei a página do
Fui gastando
Fui gastando
Sem pensar
Sem pensar
Até no câmbio-negro fui procurar.

Côro

Não, não, não
Figurinha difícil
Não quero mais não.

(*Bis*)

Solo

Hoje estou na pindaíba
Gastei todo o meu dinheiro
Que será de mim
Vou me benzer
P'ra me livrar
Dêsse azar
Que não tem mais fim.

A PEDIDOS

A MARCHINHA DOS VELHOS

Marcha de Arnaldo Passos e Garcez. — Gravação de Roberto Paiva

I

Estou ficando velho
Estou ficando feio
O meu coração,
Já partiu-se ao meio,
Mas entre as mulheres,
Tenho cotação!
Apesar de velho
Eu ainda ando cheio de paixão!

Não sou brotinho
Mas não dou p'ra trás!
Tenho conversa
Tenho até demais
Seja na rua ou nos salões,
Sou a diferença dos bonitões.

CARTAZ DO MOMENTO

HAVAIANA

Marcha de Lourival Faissal, Ayrton Amorim e Guaraná. — Gravação de Francisco Carlos

Havaiana do meu carnaval!
Vem ó linda havaiana
Vem morena tropical
E' o meu coração que te chama
Havaiana vem brincar no carnaval
Vem, vem, vem!
As danças tropicais lá do Havai
E o teu sorriso que é tão sedutor
Encontrarás também no carnaval [daqui
Carnaval sensual e cheio de amor
Vem, vem, vem!

★

AFANHADOR DE PAPEL

Marcha de Peterpan e Afonso Teixeira. — Gravação pelos 4 Ases e 1 Coringa

I

Ai!
Que vida triste e tão cruel,
Tem...
O homem que apanha papel,
A sua profissão é um buraco:
Só pode ir p'rá casa,
Depois de encher o saco!
(Bis)

Um papel aqui...
Um papel ali...

II

E quando o dia acaba,
O saco ainda está no meio!
Um papel aqui...
Um papel ali...
Só lá p'rá meia-noite
E' que êle está com o saco cheio!

NÃO DOU CARTAZ

Samba de Klécius e Armando Cavalcanti

Côro

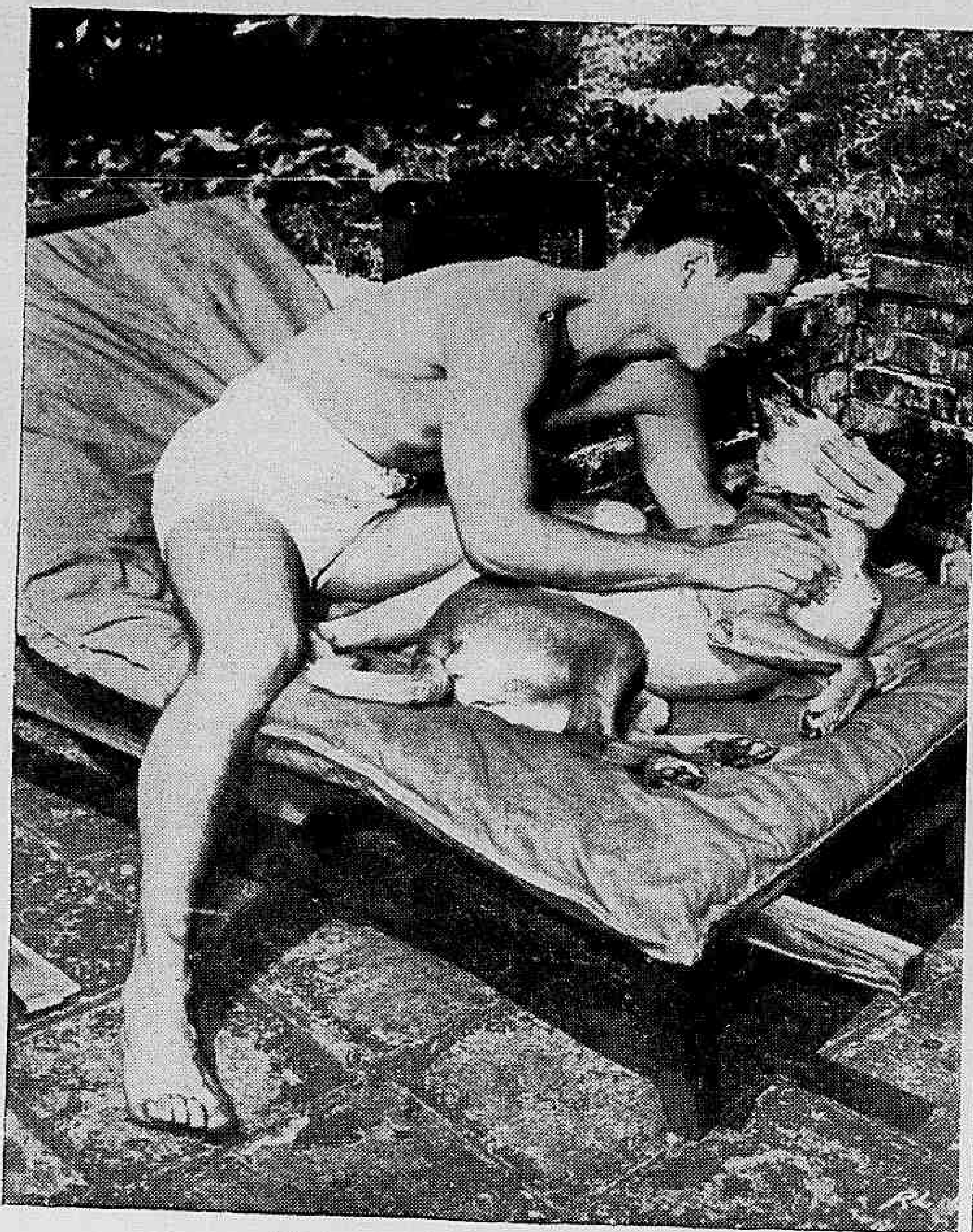
Não quero mais o seu amor
Porque já sofri demais
Agora eu vou viver em paz
Cansei de lhe dar cartaz

Breque: Não dou mais.

Solo

Meu perdão eu não darei outra vez
Você teve o que merece
Quem ofende sempre esquece o que fêz
Mas quem sofre não esquece.

OS "ASTROS" TAMBÉM GOSTAM DE ANIMAIS





EM HOLLYWOOD, TODO ARTISTA TEM SUA MASCOTE — GERALMENTE, SÃO PEQUENOS ANIMAIS DOS QUAIS NUNCA SE SEPARAM.

De THOMAS KENNE - (Especial para A CENA)

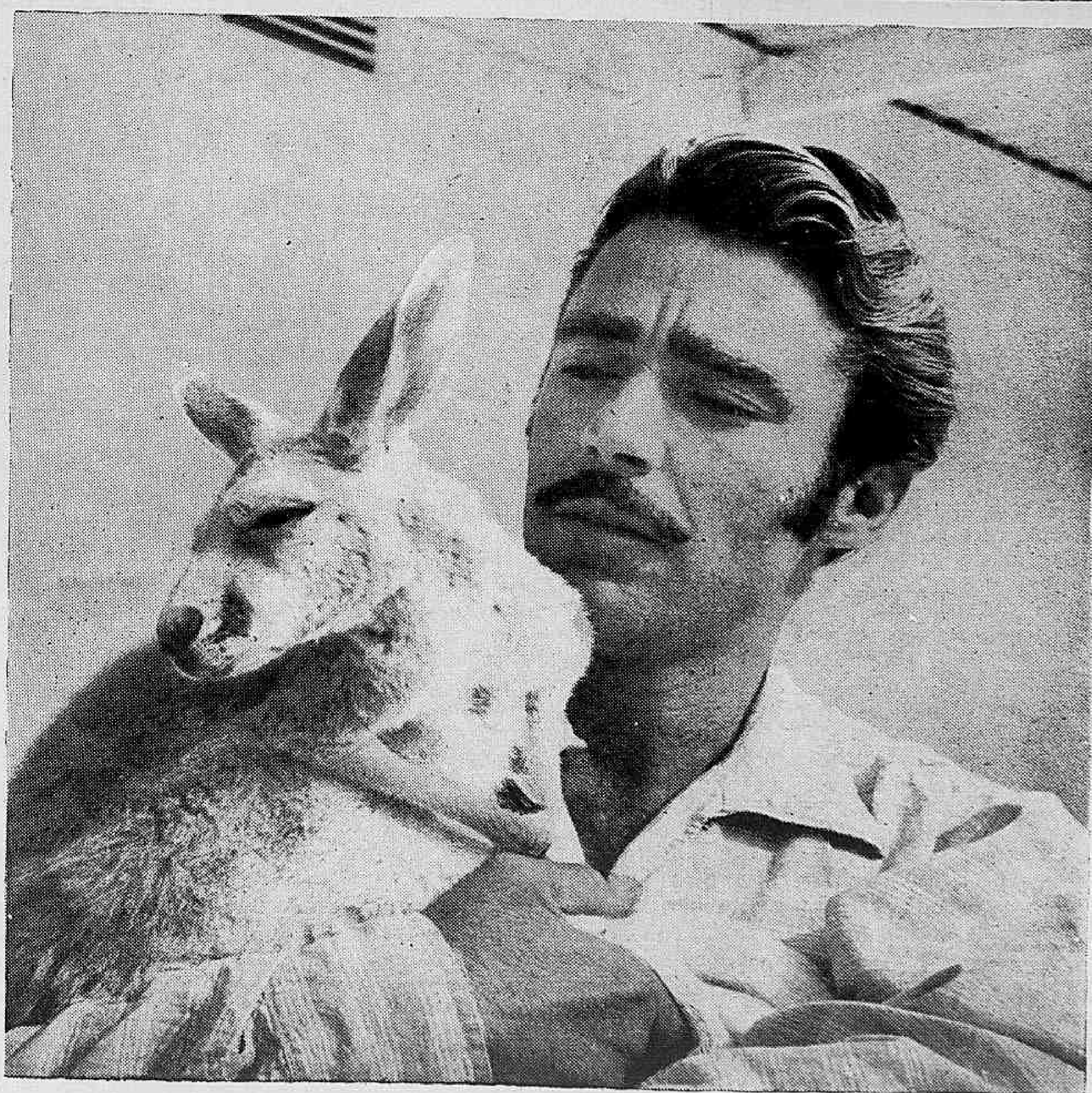


HOLLYWOOD é talvez o recanto da terra onde a superstição exerce maior influência sôbre as pessoas. Não existe astro ou estrêla que não se preocupe com o futuro, que não acredite em sorte ou azar. Por isso mesmo, adquirem mascotes que passam a respeitar — e às quais atribuem todos os seus sucessos e fracassos. Não é muito difícil, por isso, encontrarmos, muitas vêzes, artistas monologando junto de suas mascotes. A maioria dos artistas, prefere ter como mascotes pequenos animais que servem, não só como adôrno doméstico, como companhia sincera — e, sobretudo, como responsáveis pelos seus sucessos artísticos, pela ascenção ou declínio de suas carreiras. Como se vê, essas coisas não acontecem sòmente em Hollywood...

Ao alto, à esquerda: Richard Long tem um cão policial que é a sua companhia predileta. Ao alto, à direita: Piper Laurie possui um álbum de fotografias de seu cãozinho de estimação. E nunca é demais gastar mais um filme... Ao lado: Alan Ladd tem verdadeira adoração por cavalos, mas êsse pôtro é a sua mascote. Alan faz questão de alimentá-lo com suas próprias mãos...

June Haver tinha uma gatinha que era um amor! Um dia, distraiu-se, e encontrou mais uma porção de gatinhas. Assim ao invés de apenas uma mascote, June passou a ter mais cinco...





Peter Lawford é extravagante por natureza. Imaginem que êle arranjou para mascote, um canguru — presente de uma fã australiana. Diz Peter que êsse canguro tem lhe dado sorte. E muita!



A CENA Muda

SEMANÁRIO DE ARTE

Nº 2 ★ 10-1-52

Sumário

Duas coisas podem acontecer (Leon Eliachar) 3
Vendo a caveira (Frankle) 4
Acabou o carnaval de 52 (Alberto Conrado) 5
Lima Barreto quer comprar uma onça (Paulo Kalamar) 9
Casei-me com minha mulher (enrêdo em quadros) 10
Almaforte (cine-romance) 12
Flashes Mundiais 14
Os dois lados da vida (enrêdo) 16
O cinema espera Jardel Filho (Miguel Jorge) 17
Modelos humanos para os desenhos animados 20
E' difícil fazer rir (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 21
Problemas humanos à luz da psicanálise (Dr. Luís Fraga) 24
Mary Anderson 25
Coluna do fã 26
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) 28
Montgomery Clift (close-up) 29
O momento mágico 30
Melodias para você 31
Os astros também gostam de animais (Thomas Keene) 32
As trucagens no cinema (René Jeanne) 34

★

C A P A :

JARDEL FILHO (Foto de Ávila, especial para «A CENA»)

E X P E D I E N T E

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. — Diretor-presidente: Gratuliano Brito
Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa, Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa». Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente.
Venda e Publicidade em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 169.

Correspondentes em Hollywood:
THOMAS KEENE
VIOLET KINNEY
Correspondente em Paris:
JEAN DELMAR
Redator-chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães
IMPORTANTE:
O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

AS "TRUCAGENS" NO CINEMA

De RENÉ JEANNE, do S.F.I.

NO prefácio que escreveu para o volume do sr. Maurice Bessy: "Les Truquages au Cinéma", publicado pelas Editions Prisma, Paris, 1951, obra que qualifica de "definitiva", Orson Welles diz: "Eis um livro sôbre os truques usados no cinema. Não há nada no cinema que deixe de se relacionar com a "trucagem", é a evidência e, desde o seu nascimento, estão sempre a nos lembrar que as "trucagens" tudo podiam permitir".

Já foi dito quase tudo o que havia para dizer sôbre o nascimento do Cinematógrafo. Entretanto há um ponto a respeito do qual os historiadores do Cinema não nos esclareceram suficientemente: é a parte relativamente importante que os prestidigitadores — ilusionistas tiveram na vida do recém-nascido. Obrigados a recrutar o pessoal que lhes era necessário e a improvisar especialistas, foi a um prestidigitador chamado Trewey, que tinha figurado em diversas das suas primeiras fitas, que os irmãos Lumière encarregaram — missão de confiança — de ir apresentar o seu aparelho ao público londrino, em fevereiro de 1896, e foi um outro prestidigitador que, desde os últimos dias em 1895, pressentindo tudo o que havia de promessas na sua invenção, quis comprá-la. Êste prestidigitador dirigia o mais célebre teatro de ilusões da época, justamente o que foi fundado por Robert Houdin, e se chamava Georges Mélies.

Nada mais natural que êste mágico-ilusionista tenha orientado o Cinema para a sua especialidade. Foi isso que aconteceu. Mas êle estava ainda no terreno das tentativas para conseguir o seu fim, quando o acaso lhe forneceu uma das chaves do domínio no qual ambicionava penetrar. Tendo montado o seu aparelho de tomada de vistas no meio da praça da Ópera para o registro de uma cena mostrando a atividade dêsse local geométrico da vida parisiense, Mélies já havia rodado vários metros de película quando a manivela enguiçou e a fita parou. Não era grave: em alguns minutos o incidente técnico foi reparado e a tomada de vistas recomeçou. Mas que surprêsa, à noite, quando encerrado no seu laboratório para o desenvolvimento, Mélies percebeu que o ônibus Madeleine-Bastille que, puxado pelos seus três pesados "percherons" brancos, ocupava o centro da última imagem registrada, no momento em que a manivela parou, se achava, milagrosamente substituido por um carro-fúnebre, de cavalos pretos, na imagem, marcando, depois da reparação, a "reprise" do registro! Foi êste o primeiro "truque", que, depois, foi chamado: substituição de imagens por meio de uma parada.

Mélies na praça da Ópera foi um novo São Paulo na estrada de Damasco!

Pôsto assim no caminho que procurava, o espírito engenhoso de Mélies alegrou-se com o fato e logo imaginou e comecou a executar, pouco mais ou menos, tôdas as trucagens que, hoje, são utilizada em todos os estúdios do mundo. Sôbre todos êsses truques, Maurice Bessy dá, nas 250 páginas do seu livro, as mais completas explicações e as mais fàcilmente compreensíveis para o espectador curioso. E qual o espectador, verdadeiro apreciador do cinema, que não o é?

Desde o dia em que, graças a um grão de poeira no mecanismo do seu aparelho, a um ônibus e a um carro fúnebre, os olhos de Mélies se abriram para a verdade cinematográfica, os truques evoluiram consideràvelmente, senão nos seus princípios técnicos, pelo menos nas aplicações que dêles são feitas e na maneira pela qual são utilizados. Na época em que Mélies reinava no Cinema francês com tôda a fôrça do seu gênio brincalhão e gaiato de Paris, o truque era estimado por si mesmo e pelo que havia de fascinante no poder que conferia aquêle que o usava de rivalizar com os deuses da Mitologia grega, metamorfoseando à vontade Júpiter em touro ou em cisne, decapitando, como São Diniz, um senhor de casaca e fazendo a sua cabeça cair-lhe nas mãos, ou, desafiando as leis do pêso, fazendo surgir um mergulhador do seio da vaga em que o vimos afundar para alcançar, numa curva harmoniosa, o trampolim de que se havia atirado. Aquêle tempo passou. Muito depressa chegou o dia em que essas virtuosidades pareceram muito fáceis para que nos contentássemos com a sua gratuidade. Êsse dia foi talvez o em que Jean Renoite dizia a um amigo que o filme cuja técnica é aparente é a obra de um engenheiro que puzesse um "capot" de cris-

(Cont. na pág. 29)



- OS CENTENÁRIOS
- OS MORTOS DO ANO
- O ANO AERONÁUTICO
- O ANO ARTÍSTICO
- O ANO CATÓLICO
- O ANO CIENTÍFICO
- O ANO HOROSCÓPICO
- O ANO EXLIBRÍSTICO
- CALENDÁRIOS
- FESTAS RELIGIOSAS

SÃO AS MAIS BELAS AS HISTÓRIAS DE AMOR DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO"

UM MUNDO DE ASSUNTOS OS MAIS VARIADOS E INTERESSANTES:

TRATADO SÔBRE HERÁLDICA
BELO, MINUCIOSO, EM CÔRES

- INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA O LAR
- ARTIGOS ESPECIAIS
- HISTÓRIA E LITERATURA

Uma novela magnífica

"A ESTRÊLA DA MANHÃ"

A VENDA EM TÔDA A PARTE Cr$ **25,00**

REDAÇÃO: MARANGUAPE, 15 - RIO

Conserve a sua péle limpa e macia...

SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS





Pomada
SÃO SEBASTIÃO